

Faculdade de Arquitectura

Universidade de Lisboa

Projecto Final de Mestrado

Arquitectura de Incubação, transição do mundo universitário para a profissão.

Proposta de intervenção no Alto da Ajuda, Polo Universitário da Ajuda e Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa para a obtenção do grau Mestre em Arquitectura

Autor Rui Pedro de Jesus Cabrita Canhão Gameiro

Orientador Dr. José Nuno Beirão

Presidente de Júri Dr. João Nuno Pernão

Vogal Dr. Nuno Mateus

Lisboa, Novembro 2014

(documento escrito segundo o anterior acordo ortográfico)

Resumo/Abstract

Parte-se da palavra “incubação”, que no contexto do trabalho é metáfora para os espaços de ensino que evoluem ao longo dos ciclos afastando-se da síntese da realidade geral e aproximando-se de uma realidade específica. Entendendo fundamentais estas variações espaciais que permitem a percepção física de evolução ao longo da aprendizagem, aplica-se o conceito à escala da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, com a criação de espaços de trabalho diferenciados, mais independentes para fases de transição à profissão, à escala do Polo Universitário da Ajuda, com a criação de uma Incubadora que alarga o apoio da Universidade de Lisboa à comunidade académica como potência de criação de emprego e inovação e à escala do Alto da Ajuda com a reabilitação de edifícios antigos para instalação de espaços comunitários de aprendizagem em colaboração com a Universidade que se focam na aprendizagem ao longo da vida.

Consumado o elo da comunidade académica com a residente pela via do conhecimento, reforça-se a estrutura urbana com um polo turístico organizado, edifícios de residência geral e universitária, áreas comerciais, centro de saúde, museu e espaços verdes qualificados.

Palavras-chave: incubadora, transição ensino-profissão, arquitectura, polo universitário, faculdade

Starting in the word “incubation”, which in this work’s context is a metaphor for learning spaces that evolve through cycles getting further from the synthesis of general reality and getting closer to a specific reality. Taking these spatial variations as fundamental by allowing physical perception of the learning process evolution, the concept is applied to the Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa with the creation of differentiated working spaces, more independent for phases of transition to profession, to the Polo Universitário da Ajuda, with the creation of an Incubator that extends the support of the Universidade de Lisboa to the academic community as an entrepreneurship and innovation force, and to the Alto da Ajuda with the rehabilitation of old buildings for the installation of communitarian areas to learn in partnership with the Universidade, focusing in the knowledge along life.

Accomplished the bond between academic and resident communities through knowledge, the urban structure is reinforced with an organized touristic plan, general and university residential buildings, commercial areas, health care centre, museum and qualified green areas.

Keywords: incubator, education-profession transition, architecture, university campus, faculty

Agradecimento a

Orientador José Nuno Beirão,

Família,

T,

e Amigos.

Índice de Figuras	9
1 Introdução ao problema	11
1.1 <i>Consideração Inicial</i>	11
1.2 <i>Contexto</i>	11
1.2.1 Alto da Ajuda	12
1.2.2 Polo Universitário da Ajuda	13
1.2.3 Faculdade de Arquitectura	18
1.3 <i>Ponto de Partida</i>	21
2 Objectivos	22
2.1 <i>Alto da Ajuda</i>	22
2.2 <i>Polo Universitário da Ajuda</i>	22
2.3 <i>Faculdade de Arquitectura</i>	22
3 Metodologia	24
4 Estado da Arte	25
4.1 <i>Análise SWOT</i>	25
4.1.1 Alto da Ajuda	25
4.1.2 Polo Universitário da Ajuda	27
4.1.3 Faculdade de Arquitectura	29
4.1.4 Conclusão	31
4.1.4.1 Alto da Ajuda	31
4.1.4.2 Polo Universitário da Ajuda	32
4.1.4.3 Faculdade de Arquitectura	32
5 Estado do Conhecimento	33
5.1 <i>Estudo da transição ensino-profissão</i>	33
5.1.1 Edifícios de ensino	33
5.1.2 Incubadoras de ensino	35
5.1.3 Escolaridade obrigatória	36
5.1.3.1 Ensino básico	36
5.1.3.2 Ensino secundário	36
5.1.4 Ensino superior	37
5.1.4.1 Em Portugal	38
5.1.4.2 Ensino de Projecto	39
5.1.5 Iniciação profissional e Sociedade	41
5.1.5.1 Em Arquitectura	41
5.1.5.2 Criatividade em Comunidade	43
5.1.5.3 Agricultura como “cola social”	45
6 Casos de estudo	47
6.1 <i>Projecto: Faculdade de Arquitectura da U. do Porto</i>	47
6.2 <i>Projecto: Escola de Arquitectura da U. do Minho</i>	50
6.3 <i>Projecto: Escola de Arquitectura e Artes da U. de Évora</i>	52

6.4 <i>Projecto: BK City, Faculty of Architecture of TU Delft</i>	54
6.5 <i>Paralelismo</i>	57
7 Hipótese	58
7.1 <i>Geral</i>	58
7.2 <i>Alto da Ajuda</i>	58
7.3 <i>Polo Universitário da Ajuda</i>	58
7.4 <i>Faculdade de Architectura</i>	58
8 Descrição da proposta	60
8.1 <i>Alto da Ajuda</i>	60
8.2 <i>Polo Universitário da Ajuda</i>	65
8.3 <i>Faculdade de Architectura</i>	69
9 Fonte de informação	85
10 Anexos	87

Índice de Figuras

Figura 1 - Ortofotomapa de Lisboa (Alto da Ajuda).....	12
Figura 2 - Ortofotomapa do Alto da Ajuda (Polo Universitário da Ajuda)	13
Figura 3 - Primeiros planos do Polo Universitário da Ajuda	14
Figura 4 - Desenho em perspectiva do plano de Sidónio Parda.....	15
Figura 5 - Faculdade de Medicina Veterinária da U.L.	15
Figura 6 - Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas	16
Figura 7 - Centro de Actividade Física e Recreação.....	16
Figura 8 - Unidade Altimantar do Polo Universitário da Ajuda	17
Figura 9 - Ortofotomapa do Polo Universitário da Ajuda (Faculdade de Arquitectura)	18
Figura 10 - Planta de usos do projecto inicial da Faculdade de arquitectura	19
Figura 11 - Planta actual de usos da Faculdade de Arquitectura	20
Figura 12 - Fotografia do edifício 4 da Faculdade de Arquitectura.....	21
Figura 13 – Diagrama de evolução dos ciclos de ensino em Portugal: primeiro, segundo, terceiro, secundário e universitário/politécnico.....	35
Figura 14 - Diagrama do modelo de projecto de Bryan Lawson.....	40
Figura 15 - Espaço de trabalho do grupo norueguês Snohetta	43
Figura 16 - Ilustração da democratização da criatividade.....	44
Figura 17 - Ortofotomapa do Porto (Faculdade de ARquitectura)	47
Figura 18 - Fotografia da fachada sul da F.A.U.P.....	48
Figura 19 - Fotografia aérea da F.A.U.P.....	49
Figura 20 - Ortofotomapa de Guimarães (Campus de Azurém)	50
Figura 21 - Fotografia da entrada da E.A.U.P.....	51
Figura 22 - Fotografia aérea da E.A.U.P.	52
Figura 23 - Ortofotomapa de Évora (Escola de Arquitectura a Artes).....	52
Figura 24 - Fotografia do novo elemento em continuidade com a Fábrica dos Leões.....	53
Figura 25 - Vista lateral de contraste entre vetusto e recente	54
Figura 26 - Ortofotomapa de Delft (T.U. Campus)	54
Figura 27 - Fotografia da entrada principal orientada a norte	56
Figura 28 - Fotografia aérea da Faculty of Architecture (BK City)	57
Figura 29- Planta de intervenção no Alto da Ajuda.....	60
Figura 30 - Fotografia aérea da Quinta do Seminário	61
Figura 31 - Fotografia aérea do Geomonumento do Rio Seco	62
Figura 32 - Fotografia aérea da Praça da Torre do Galo	62
Figura 33 - Fotografia aérea da Quinta do Armador	63
Figura 34 - Fotografia aérea do vale agrícola do Rio Seco	63
Figura 35 - Fotografia aérea do Pátio das Damas	64
Figura 36 - Planta do Polo Universitário da Ajuda.....	65
Figura 37 - Fotografia de maquete de estudo: ISCSPP, Incubadora, Residências, Bairro 2 de Maio	66
Figura 38 - Fotografia de detalhe de maquete de estudo sobre transição volumétrica ISCSPP - Incubadora.....	67
Figura 39 - Planta de Cobertura da Faculdade de Arquitectura.....	69
Figura 40 - Alçados sul, poente, nascente e norte da Faculdade de Arquitectura.....	70

Figura 41 - Planta do piso 2 da Faculdade de Arquitectura.....	71
Figura 42 - Planta do piso 0 da Faculdade de Arquitectura.....	73
Figura 43 - Modelo tridimensional de estudo da Faculdade de Arquitectura.....	74
Figura 44 – Detalhe de estudo da entrada principal da Faculdade de Arquitectura.....	75
Figura 45 - Cortes transversais (poente)	77
Figura 46 - Detalhe construtivo de secção dos auditórios formal e informal	78
Figura 47 - Cortes transversais (nascente)	79
Figura 48 - Planta do piso 1 da Faculdade de Arquitectura.....	81
Figura 49 - Detalhe construtivo de parte da planta do piso -1 da Faculdade de Arquitectura	82
Figura 50 - Modelo tridimensional de estudo: vista da praça interior da Faculdade de Arquitectura para o edifício administrativo	83
Figura 51 - Modelo tridimensional de estudo: vista interior do edifício administrativo no piso 0	84
Figura 52 - Maquete de estudo da Faculdade	88
Figura 53 - Maquete de estudo de detalhe da Faculdade.....	88
Figura 54 - Maquete final 1/1000 da proposta de Polo Universitário da Ajuda.....	89
Figura 55 - Detalhes da Maquete 1/1000	89
Figura 56 - Maquete final 1/300 da proposta da Faculdade de Arquitectura	90
Figura 57 - Detalhes da Maquete 1/300.....	90

1 Introdução ao problema

1.1 Consideração Inicial

A Dissertação que acompanha o Projecto Final de Mestrado fundamenta e organiza teoricamente o processo de trabalho desenvolvendo o tema “Arquitectura de Incubação: transição do mundo universitário para a profissão”, relativo à proposta de intervenção de reabilitação e extensão da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa e planeamento do Polo Universitário da Ajuda para a obtenção de grau Mestre em Arquitectura.

1.2 Contexto

O presente trabalho surge no contexto da disciplina Laboratório de Projecto VI e destina-se à elaboração de um projecto a grande escala que se enquadra na zona oeste de Lisboa, precisamente no Alto da Ajuda e com enfoque específico no Polo Universitário da Ajuda.

Em termos genéricos o exercício é composto por três fases: Alto da Ajuda, Polo Universitário da Ajuda e Faculdade de Arquitectura U.L.

Iniciou-se uma análise factual profunda dos três níveis de abordagem com o intuito de conhecer e detectar os diferentes problemas existentes em cada nível para prosseguir à formulação de um programa de intervenção conducente a uma qualificação do Polo Universitário como estrutura urbana e em Particular da Faculdade de Arquitectura como representante das actividades que alberga.

1.2.1 Alto da Ajuda



Figura 1 - Ortofotomapa de Lisboa (Alto da Ajuda)

Topograficamente, a área de intervenção – Polo Universitário da Ajuda - encontra-se sensivelmente entre os cem e os cento e cinquenta metros num plano inclinado cujo cume, em Monsanto, atinge os cento e oitenta e cinco metros de altitude. Maioritariamente o solo é composto por basalto e a sua vulnerabilidade sísmica é baixa, sendo dividido por uma rede húmida onde em tempos correu o rio Seco. Localiza-se a norte do Palácio Nacional da Ajuda, encomendado em 1794 a Manuel Caetano de Sousa, Arquitecto das Obras Públicas, para residência real no pós-terramoto de 1755, e imediatamente a sul do Parque Florestal de Monsanto, cujo planeamento de plantação foi aprovado em 1938.

No intermédio do Polo Universitário e o Palácio Nacional está o Bairro 2 de Maio, com cerca de quarenta anos de existência e residência maioritária de população caucasiana e cigana de índice médio de idade elevado. Urbanisticamente caracteriza-se por um conjunto de prédios de cinco a sete pisos orientados norte-sul acompanhando o declive do terreno, com estruturas urbanas inacabadas e muitas descontinuidades. A nascente está outro bairro social, Casalinho da Ajuda, criado nos anos sessenta, e a poente o bairro do Caramão, que nos anos quarenta foi construído com o conceito social de rendas baixas mas hoje é habitado maioritariamente pela classe média e alta.

Salienta-se que no Alto da Ajuda as discontinuidades e oportunidades por explorar por abandono ou falta de análise são transversais temporalmente e parecem a regra: desde a construção do Palácio Nacional, que ficou incompleta, à praça da Torre do Galo que se tornou um espaço de estacionamento, a áreas de quintas que resistiram à densificação e se tornam indefinidas, aos bairros sociais atrás referidos que fizeram parte de um plano do Estado Novo e que, após a revolução, foram ocupados por muitas das pessoas que ficaram desalojadas pela construção da ponte 25 de Abril mesmo antes da conclusão das obras, até aos vários planos inconsequentes, abordados no ponto seguinte, que levaram à destruição de parte do Parque Florestal de Monsanto para instalação de um Polo Universitário, também ele incompleto.

Juntando grandes variações topográficas, acentuadas pela rede húmida do vale do Rio Seco, reforça-se a ideia de a área de intervenção ser um “conjunto de pontas soltas que implicam vários tipos de nós para se ligarem” e um grupo de espaços turisticamente interessantes mas sem plano urbano que a torne atraente à escala de outras áreas turísticas em Lisboa.

1.2.2 Polo Universitário da Ajuda



Figura 2 - Ortofotomapa do Alto da Ajuda (Polo Universitário da Ajuda)

Em 1988 saiu o Decreto-Lei nº 380/74 que retirou cinquenta e seis hectares do Parque Florestal de Monsanto para a instalação do Polo Universitário da Ajuda da Universidade Técnica de Lisboa.

No espaço de dois anos surgem os primeiros três desenhos urbanos (figura 3) que incluíam as Faculdades de Arquitectura, de Motricidade Humana e de Veterinária, os Institutos Superiores de Ciências Sociais e Políticas e de Economia e Gestão, Residências Universitárias, Reitoria e espaços comerciais e nos quais participou o arquitecto Augusto Pereira Brandão, coordenador do projecto da única faculdade que viria a ser construída do plano traçado, precisamente a de Arquitectura em 1994. Em comum os planos demonstram influências anglo-saxónicas da ideia de campus universitário, com uma organização orgânica entre vários edifícios abertos para o exterior e áreas verdes, favorecendo uma vida interna característica do conjunto e evitando que a comunidade académica se isole na respectiva Faculdade.

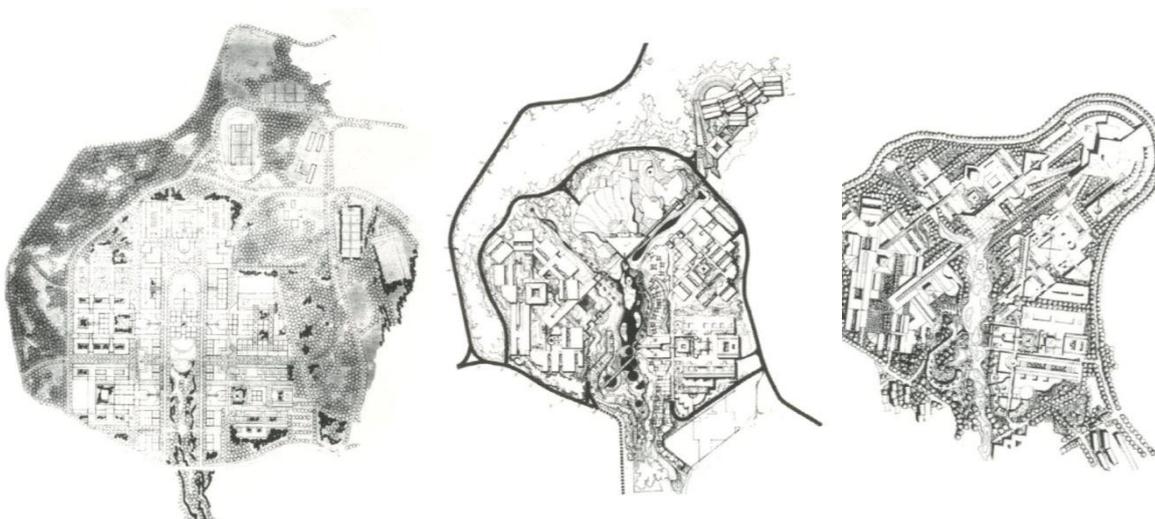


Figura 3 - Primeiros planos do Polo Universitário da Ajuda

No entanto, além da de Arquitectura, as restantes Faculdades e serviços nunca chegaram e ser projectados respeitando o plano inicial e, em 1993, o arquitecto paisagista Sidónio Pardal elabora o primeiro e único Plano de Pormenor para o Polo publicado em Diário da República, que se estende até ao Palácio Nacional da Ajuda e engloba áreas residenciais que unem o Polo à cidade, respeitando o novo quadro municipal (figura 4). O conceito de campus variou e este plano já apresentava uma aposta forte na ortogonalidade da malha urbana reforçando a regra artificial sobre a variedade orgânica natural. Para os projectos que se vieram a concretizar, a respeitar acabou por estar não uma ideia agregada de campus mas uma variedade de lotes com indicações volumétricas simples.



Figura 4 - Desenho em perspectiva do plano de Sidónio Pardal

E nessas condições, em 1998, foi construída a Faculdade de Medicina Veterinária com projecto do Arquitecto João Lúcio Lopes, que mereceu Menção Honrosa do Prémio Valmor de 1999, e, em 2001, foi construído o Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas com projecto do Arquitecto Gonçalo Byrne. A Faculdade de Motricidade Humana e o Instituto de Economia e Gestão nunca chegaram a deslocar-se para o Polo, localizando-se junto do Centro Desportivo Nacional do Jamor e da Assembleia da República, em Santos, respectivamente, assim como a Reitoria que se localiza no Palácio Centeno desde 1983.



Figura 5 - Faculdade de Medicina Veterinária da U.L.

Quer um quer outro dos edifícios construídos são considerados boas peças de arquitectura, com reconhecimento da comunidade académica que os preenche, funcionais em si, bem concebidos. Mas a sua participação no espaço comunitário universitário é passiva. Atenda-se aos factos de funcionarem em 'circuito fechado', como a sua acessibilidade num só ponto ou a quase ausência de comunicação visual interior-exterior ao nível da rua comprovam, e de formarem quarteirões de dimensão excessiva, contrariando, por exemplo, as ideias de Jane Jacobs que em 1961 apresentou na sua obra "The Death and Life of Great American Cities" com a reflexão de que, do ponto de vista da economia urbana e variedade de vivências diárias, no espaço público quarteirões grandes tendem a proporcionar uma ou duas vias

principais de concentração viária e comercial e vias secundárias usadas para destinos específicos, ao passo que quarteirões menores oferecem mais variedade de caminhos para alcançar o mesmo destino, distribuem a circulação e os espaços comerciais de forma mais equitativa, enriquecem a experiência do espaço comum e, no essencial, a qualidade de vida.



Figura 6 - Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas

Em conversa pessoal com responsáveis das duas faculdades foi transmitido que havia satisfação geral em relação tanto ao funcionamento dos edifícios pela forma como permitem organizar as actividades dos cursos aí oferecidos como sobre a inserção profissional. Da parte da Faculdade de Medicina Veterinária há um Hospital Veterinário no próprio edifício, de exploração privada mas com protocolo com a Faculdade, de forma a proporcionar estágios e aulas em ambiente profissional no mesmo espaço lectivo. Já da parte do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas entende-se que o sucesso profissional dos alunos está principalmente ligado com os vários protocolos com empresas para estágios imediatamente após a graduação. Em ambos casos cada comunidade académica usa espaços independentes até à graduação e depois abandona o espaço do Polo para iniciação profissional noutra local ou continua no mesmo espaço no caso de Veterinária. A esmagadora maioria dos casos não chega sequer a morar perto do Polo porque aí não existem residências universitárias ou a conhecer as realidades académicas que os rodeiam porque a inexistência de comunicação e espaços partilhados os bloqueia.

Complementarmente às três faculdades, o Polo define-se com uma Unidade Alimentar e um Centro de Actividade Física e Recreação. O caso do Centro de Actividade Física e Recreação, com aprovação em 1998, à semelhança da Faculdade de Arquitectura, é uma construção incompleta. A sua acessibilidade foi comprometida quando a Faculdade de Motricidade Humana, projecto de que era parte, não avançou, fazendo com que se tivesse de improvisar uma rampa exterior para a entrada. Os seus espaços estão bem dimensionados e têm qualidade apesar de algumas inconsistências na circulação.



Figura 7 - Centro de Actividade Física e Recreação

O caso da Unidade Alimentar, com aprovação em 1995, é um problema diferente, mais de natureza urbanística que acaba por afectar a capacidade de exploração pública. É o edifício mais a sul de um terreno bastante inclinado. Relativamente aos pontos de entradas das Faculdades é o mais distante. Todas as Faculdades têm bares de exploração interna, uns privados e outros das associações de estudantes. Nenhum deles tem capacidade nem espaço para servir três faculdades - quinhentos e vinte e oito lugares - e praticar preços de exploração pública, acessíveis para consumo diário, como tem esta Unidade. A ausência de residências universitárias faz com que nem exista a hipótese de almoçar em casa. No entanto a realidade demonstra que muitos alunos preferem a oferta interna ou outra do que a que tem todas as probabilidades a seu favor como escolha natural.



Figura 8 - Unidade Alimentar do Polo Universitário da Ajuda

No fim deste percurso temporal de planos com ideias de campus distintas e de invariável inconclusão, o Polo viu-se privado de equipamentos - reitoria e serviços sociais da Universidade, espaços comuns comerciais, de trabalho e de lazer, Faculdade de Motricidade Humana e Instituto Superior de Economia e Gestão – e de um programa de campus que proporcionava uma vida académica partilhada e activa.

1.2.3 Faculdade de Arquitectura



Figura 9 - Ortofotomapa do Polo Universitário da Ajuda (Faculdade de Arquitectura)

A Faculdade de Arquitectura foi criada em 1979 por Decreto Lei nº 498 – E/79 a 21 de Dezembro, tornando-se independente da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa.

Em 1994 o novo edifício, projectado pelo Arquitecto Augusto Pereira Brandão, foi concluído e a Faculdade passou a funcionar no Polo Universitário da Ajuda.

Organizar-se-ia segundo o plano aprovado em seis edifícios. Número um e dois seriam secretaria, tesouraria, cantina, associação académica e salas de professores, três seria biblioteca e espaço de aula para grandes grupos, quatro seria salas de aula de primeiro e segundo ano, cinco seria salas de quinto ano e seis seria salas de aula de terceiro e quarto ano.



Figura 10 - Planta de usos do projecto inicial da Faculdade de arquitectura

Foi idealizada para oitocentos alunos (em contraposição aos actuais dois mil e oitocentos). O desenho modular das salas de aula permitia garantir direito às mesmas condições de trabalho em espaços independentes mas de circulação partilhada. Cada módulo caracterizava-se, no piso base, por um espaço amplo de cento e trinta e dois metros quadrados com duas áreas distintas, uma mais interior com bancadas à parede e espaços de arrumos e outra com mesas móveis, de orientação norte ou sul. No piso superior, com acesso por escadas “em caracol” de ferro, um espaço isolado de estudo e arrumos independente por turma com acesso visual ao piso inferior respectivo.

Dificuldades orçamentais levaram a que o edifício número um não chegasse a ser construído. A solução, ainda hoje vigente, colocou a secretaria, tesouraria, recepção e departamentos académicos no edifício dois, os gabinetes dos professores nos edifícios quatro e seis, a sala de professores e gabinete de reuniões no edifício três e a cantina e a associação de estudantes no edifício seis.

A partilha de espaços implicou directamente a qualidade do ambiente de aprendizagem, sendo que no caso dos gabinetes dos professores, eles ocuparam o piso superior respectivo a cada turma. Este decréscimo de qualidade acentuou-se ao longo dos anos com o número de alunos a ascender ao valor actual de cerca de dois mil e oitocentos. Resulta que, além de esta estrutura curricular e espacial mais conservadora, que se suporta principalmente no peso da disciplina de projecto e de desenho e na formatação das salas de aula em turma pela proximidade com a realidade dos ateliers profissionais, estar a perder validade pela inconsequência do plano original face ao número de alunos, está sobretudo a perder validade pela mudança da realidade profissional, hoje mais direccionada para uma vertente tecnológica e para o aparecimento de múltiplas áreas inter-disciplinares da

Arquitectura que conduzem a especializações profissionais cujas áreas de trabalho não são exclus



Figura 11 - Planta actual de usos da Faculdade de Arquitectura

Relativamente à presença no Polo Universitário, a apresentação de entrada com um gradeamento distante e descoberto dos edifícios é facto que origina de uma dupla ausência de consequência no seu planeamento e na sua identidade. Primeiro, devido à sucessiva alteração e afastamento do modelo de Polo Universitário para a qual foi projectada, e segundo pela não construção do edifício de recepção. Ainda assim, com estas contrariedades, o facto de se encontrar mais exposta ao espaço público e de ter maior balanço entre edificado e espaço verde do que as restantes faculdades torna-a mais participativa para um ambiente comunitário académico.

Academicamente a oferta estende-se além da Arquitectura. Em formação de licenciatura, mestrado, pós-graduação e doutoramento o leque abre-se a Urbanismo, Interiores, Design ou Moda. Esta multidisciplinidade torna-a exclusiva. No entanto, parte pelas características dos edifícios, parte pela superlotação, estas diferentes

áreas e ciclos de estudo são ministrados em espaços iguais ou semelhantes independentemente das suas características. Algumas adaptações tiveram de ocorrer como a sala de produção de Design de Moda, que ocupa espaços de aula, ou a colocação das salas de Design perto da oficina geral.



Figura 12 - Fotografia do edifício 4 da Faculdade de Arquitectura

Concluindo, a Faculdade de Arquitectura, hoje, tem potencial humano para se projectar mais a nível nacional e internacional mas necessita de uma intervenção que reflecta essa vontade. Contudo, não o conseguirá sozinha, é importante que a reflexão abranja o espaço comunitário em que se insere porque uma Faculdade é a última instituição dedicada à aprendizagem após um período de doze anos de escolaridade obrigatória, tornando-a charneira entre o ensino e a profissão, entre a teoria e a prática, entre o espaço físico que encerra a sua actividade e a comunidade real que pretende alterar.

1.3 Ponto de Partida

Perante as descontinuidades urbanas do Alto da Ajuda que prejudicam as capacidades comercial e turística e isolam grupos de habitantes com especiais necessidades sociais, perante um Polo Universitário que não só não comunica com o exterior como não o faz internamente e perante uma Faculdade de Arquitectura multidisciplinar que não oferece variedade espacial suficiente para uma crescente comunidade criativa, como podem estas áreas serem melhoradas fisicamente para conduzir a uma estrutura urbana e social mais interligada, uma comunidade académica mais activa e crítica perante a realidade que a envolve e uma Faculdade que se assuma como incubadora de iniciação profissional de áreas multidisciplinares criativas?

2 Objectivos

2.1 Alto da Ajuda

Tendo em conta a realidade urbana apresentada, localizar as pontas soltas dos bairros desconexos e procurar estruturas físicas que complementem esses espaços de forma a dar continuidade à malha urbana.

Nivelar ainda as potencialidades turísticas que espaços como o Palácio Nacional, o Jardim Botânico ou o Geomonumento têm comparando com a zona ribeirinha da cidade, criando um polo de referência com acessibilidades facilitadas entre estes, procurando assim atrair investimento e promover um modelo de economia sustentável para o comércio local.

De forma a revitalizar a vida pública explorar potencialidades de equipamentos de atendimento público que reforcem a saúde física e mental de uma população com dificuldades de mobilidade e envelhecida e, combatendo esse envelhecimento populacional, com edifícios de habitação especialmente atraentes para a faixa etária mais jovem.

2.2 Polo Universitário da Ajuda

Prover o Polo de estruturas físicas que o complementem como conjunto, que estabeleçam relação com os bairros anexos e com o Parque Florestal de Monsanto e que potenciem uma vida interna que extravase os limites de cada Faculdade, potenciando espaço público que reaproxime o Polo de um modelo de cidade académica.

Ter como princípio o estabelecimento de massa crítica no espaço do Polo a nível universitário, de investigação e de iniciação profissional para aumentar as hipóteses de integração das várias áreas e da criação de empregos.

Criar espaço público com uma rede de circulação interna pedonal mais relevante em contraposição com a rede viária para reforçar a aposta de que o Polo é um sítio para “estar” e não para “passar”.

2.3 Faculdade de Arquitectura

Orientar o programa curricular e arquitetónico da Faculdade para a realidade actual da profissão atendendo às especializações e à exploração das agora mais variadas possibilidades profissionais.

Entender como essencial a existência de uma variedade espacial que diferencie internamente os seus ciclos de estudo e sobressaia uma das suas grandes mais-valias que é a multiplicidade.

Paralelamente pensar na extensão da Faculdade em continuidade com as propostas para o Polo e com as volumetrias das outras duas Faculdades, reforçando uma identidade formal partilhada.

3 Metodologia

A fim de conhecer a área de intervenção elaborou-se um levantamento de informação em três escalas – Alto da Ajuda, Polo Universitário da Ajuda, Faculdade de Arquitectura – procurando identificar as suas características morfológicas e sociais e os respectivos problemas que permitem chegar a necessidades.

Partindo das necessidades encontradas elaborou-se uma lista de objectivos gerais a que a proposta se propõe.

Para enquadramento e reflexão dos objectivos gerais realizou-se um estudo do estado dos conhecimentos focado na transição ensino-profissão, nas sociedades criativas e em casos de estudo.

Com base no balanço entre o conhecimento adquirido no estudo e os objectivos gerais partiu-se para a elaboração de uma análise “SWOT” detalhada para produzir uma avaliação objectiva das dificuldades e potencialidades da área de intervenção nos seus três níveis e conduzir a uma hipótese.

Clarificada a hipótese, justificada teoricamente, passou-se à exploração formal na continuação das três escalas de intervenção, abordando o Alto da Ajuda ao nível urbano relativamente a uma estratégia social e turística inserida na cidade de Lisboa, o Polo Universitário ao um nível urbano mais detalhado com uma estratégia coordenada académica e social, e a Faculdade de Arquitectura ao nível urbano, arquitectónico e de detalhe construtivo e material numa estratégia coordenada entre inserção na Faculdade e a transição para a profissão.

4 Estado da Arte

4.1 Análise SWOT

Com o objectivo de detalhar criticamente os diferentes níveis de intervenção desenvolveu-se a seguinte análise SWOT, apontando as suas forças (strenghts), fraquezas (weaknesses), oportunidades (oportunities) e ameaças (treats).

4.1.1 Alto da Ajuda

Strengths/Forças:

- Transportes públicos. A área é bem explorada pela rede da CARRIS, mesmo tendo em conta as suas ruas de traçado antigo, sinuoso e inclinado, o que tem especial impacto positivo para as necessidades de uma população envelhecida e de classes sociais menos favorecidas;
- Pontos de interesse turístico. A principal referência é o Palácio Nacional da Ajuda e o respectivo Jardim Botânico, com milhares de visitas anuais. São, além de espaços históricos e onde decorrem actividades da República Portuguesa, palco de exploração cultural, abrindo-se a artista nacionais e internacionais. Já o Geomonumento do Rio Seco transporta os visitantes em noventa e sete milhões de anos, quando aí havia mar;
- Bairros históricos. Muitos dos que rodeiam o Palácio Nacional são tão ou mais antigos que o próprio, remontando ao imediato pós-terramoto de 1755;
- Parque Natural de Monsanto. A proximidade ao principal pulmão da cidade capital pela encosta sul é exclusiva;
- Polo Universitário da Ajuda. A existência de uma fonte académica, jovem e empenhada, espelho do futuro para uma população envelhecida, é um ponto a favor como princípio;
- Programa BIP/ZIP. A prova da possibilidade de haver coordenação entre as Faculdades do Polo Universitário e os bairros mais necessitados da Ajuda para a melhoria das condições sociais está neste programa promovido pela Câmara Municipal de Lisboa que, em 2013, inclui a Faculdade de Arquitectura, a “u.iclc”, a Associação Actividades Sociais Bairro 2 Maio e a Associação de Moradores Bairro 2 de Maio, no projecto “2 de Maio todos os dias” (<http://www.2demaio.com>).

Weaknesses/Fraquezas:

- Descontinuidades urbanas. A larga maioria das habitações que foram construídas estava inserida num contexto de bairro, por vezes imcimplento, com organizações variadas e independentes entre cada, tornando as suas fronteiras espaços indefinidos

ou inexplorados e sobressaindo os espaços urbanos comuns relativamente aos de acção social;

- Comércio local. A área é maioritariamente residencial, pelo que suas ruas ainda têm algum comércio local, mas as dificuldades de mobilidade de muitas pessoas que aí moram, dada pela sua idade e pela inclinação do terreno, e o seu poder de compra dificultam a tarefa de quem vende e a vontade de quem compra;

- Centro de Saúde. Actualmente as suas instalações são um prédio de habitação. A população ganharia com mais atenção e investimento na área da saúde;

- População envelhecida. A ausência de balanço etário dificulta a atracção de outros tipos de investimento que poderiam rejuvenescer o Alto da Ajuda.

Oportunities/Oportunidades:

- Polos turísticos. Especialmente o Palácio Nacional, o Jardim Botânico e o Geomonumento são áreas por explorar no sentido do momento urbano que os envolve, que tem potencialidade para ser mais atractivo para os visitantes e que poderia trazer benesses para o comércio local;

- Polo Universitário da Ajuda. A ausência de população jovem pode ser colmatada com iniciativas que aliciem a massa académica a estabelecer-se mais tempo na área, a envolver-se com a comunidade ou a tornar-se residente;

- Câmara Municipal de Lisboa. Os programas como o BIP/ZIP demonstram que o município está empenhado a ouvir propostas para a melhoria das condições da comunidade e que apoia ideias criativas de impacto social;

- Vazios urbanos. A falta de definição urbana abre espaço para repensar a relação entre a comunidade e os edifícios que a servem.

Treats/Ameaças:

- Política de investimentos. Podem não ter um impacto directo na vida da comunidade com a dimensão desejada;

- Realidade económica nacional. Crises podem reduzir as atenções ao essencial, de carácter financeiro, e intensificar as fragilidades da comunidade;

- Tipologias habitacionais. As características das estruturas familiares futuras podem não ser conciliáveis com a recente oferta imobiliária;

- Emigração. Diminuição da probabilidade de investimentos e reforço da população sénior porque diminui a amplitude etária do público-alvo.

4.1.2 Polo Universitário da Ajuda

Strengths/Forças:

- Proximidade ao Parque Nacional de Monsanto. O Polo Universitário foi construído em área do Parque e faz valer a sua integração de forma não impositiva, assegurada pelo PDM;
- Acessibilidade. A área é bem explorada pela rede de transportes, que o assegura para a comunidade académica;
- Espaços comuns. O Polo beneficia da existência de serviços essenciais a uma comunidade académica desta natureza, pontos de pertença independentes das Faculdades, que são o Centro de Actividade Física e Recreação – CEDAR – e a Unidade Alimentar;
- Pontos turísticos. A proximidade ao Jardim Botânico, Palácio Nacional e ao Geomonumento dá um sentido de integração na cidade mais relevante;
- Variedade de oferta. A multidisciplinariedade de oferta do Polo, conjugando áreas como Medicina Veterinária, Arquitectura ou Ciências Políticas, é uma vantagem por um mais amplo reflexo da sociedade e pela potencial partilha de experiências e conhecimentos.

Weaknesses/Fraquezas:

- Integração urbana. A permeabilidade entre o Polo e os bairros vizinhos é posta em causa pela variação brusca das abordagens urbanas, das diferentes escalas e da população utente potencial;
- Espaço urbano. A incoerência dos planos traçados ao longo dos anos para o Polo conduziu a um espaço urbano desproporcional, não comunicante entre Faculdades, que se encontram voltadas para a sua realidade e dimensão, distantes entre si;
- Localização dos espaços comuns. Apesar da sua importância, são os edifícios mais afastados do centro do Polo, em cantos opostos, não aproveitando áreas de maior circulação para promover a sua utilização;
- CEDAR. O facto de ser parte de um projecto que nunca foi completo – FMH – e que conduziu a um imprevisto no momento de entrada que desfavoreceu o seu sistema de acessibilidade e circulação;
- Unidade Alimentar. A sua localização no Polo e a sua própria acessibilidade, semelhante à do CEDAR, reforçam negativamente o seu sobredimensionamento respectivamente à população utente potencial, ou seja, excluindo parte;
- Participação da FMV e do ISCSP no Polo. São edifícios de enormes dimensões mas que participam muito pouco na vida do Polo devido ao facto de estarem virados para dentro e existir em si apenas um momento de entrada para uma variedade de espaços

internos com potência para servir a comunidade académica como espaços comerciais ou auditórios;

- Participação da FA no Polo. Apesar de ter mais pontos de entradas encontra-se igualmente encerrada na sua realidade e não participa na vida do Polo como potencialmente podia;

- Partilha de espaços. Todos os espaços com potencial para servir actividades da Universidade ou o espaço público, e que podem não estar exclusivamente relacionadas com cada Faculdade, como auditórios e espaços comerciais, encontram-se encerrados em vez de se virarem para o espaço público e se apoiarem mutuamente gerando dinâmica económica e cultural que, dado a especialidade de alguns desses espaços, pode gerar retorno financeiro às Faculdades em vez de serem espaços de difícil gestão regulados pelos períodos de utilização de cada uma;

- Ausência de Residências Universitárias. O facto de o Polo não dispor de edifícios de habitação minimiza as possibilidades de aumentar a população académica diária e estabelecer um compromisso mais abrangente que vá além da oferta particular de cada Faculdade; e ainda da possibilidade de gerar vida própria;

- Ausência de Espaços de Estudo, Investigação ou Iniciação Profissional comuns. Sendo um Polo Universitário um momento urbano-académico de impulso para a profissão, o reforço do afastamento físico das Faculdades pela inexistência de espaços comuns de estudo, investigação ou iniciação profissional desaproveita a capacidade multidisciplinar do Polo para favorecer o pensamento criativo e desafiante;

- Modelo de Polo. A lógica ortogonal e de loteamento reforça o contraste com a organicidade não só do espaço natural mas dos bairros anexos, que juntamente à inexistência de espaço público comum equipado torna o Polo um espaço de pontos de partida e chegada que são as Faculdades.

Oportunities/Oportunidades:

- Via verde no centro do Polo. Imposta por PDM, esta via que parte de Monsanto pode ser um incentivo na criação de espaço exterior de qualidade que equilibre a proporção da dimensão dos edifícios do Polo com a área de espaço público que oferece e ainda explore a vertente “produção”, de “Espaços Verdes de Recreio e Produção”, para organizar actividades ligadas à terra e aproximar o Polo da realidade social em que se insere;

- Espaço para inovação. O afastamento do Polo do centro da cidade de Lisboa e de espaços de inovação e investigação a nível universitário conjugado com a área livre abre uma janela para o dimensionar como uma instituição universitária, mais do que um conjunto de três Faculdades com funções independentes, seja essa potência devidamente apresentada às instituições nacionais e europeias que regulam o financiamento dos espaços universitários;

- Residências Universitárias. Dentro dos edifícios planeados para o Polo é o que se avizinha ser o próximo concretizado e se for pensado estrategicamente como momento de incubação dos bairros anexos pode abrir um precedente de intenção de

integração com as realidades vizinhas, além de tornar residente parte da massa crítica e aumentar a potência da vida diária.

Treats/Ameaças:

- Desperdício de reflexões. Os planos que foram pensados e desenhados para o Polo sofreram recorrentes amputações e isso tornou-se um padrão, o que eleva a dúvida sobre a realidade que se reflecte, potencialmente sem consequência;
- Inflexibilidade das Faculdades estabelecidas. As realidades do ISCSP e da FMV em termos de empregabilidade, consideradas pelos próprios em conversa privada como satisfatória, que indicam que independentemente da realidade do Polo a sua tarefa pilar está a ser cumprida, podem conduzir ao desinteresse na aposta de um espaço comum de estudo, investigação ou iniciação profissional que promova o pensamento criativo e desafiante;
- Novo panorama da Universidade. A criação da Universidade de Lisboa por fusão trará uma coordenação geral muito mais abrangente do que antes, tornando por enquanto incerto o futuro do Polo, que dependerá sobretudo da qualidade das propostas de recriação do seu conceito e edificado.

4.1.3 Faculdade de Arquitectura

Strengths/Forças:

- Comunidade académica. O corpo da faculdade está estabelecido e tem uma expressão superior a três mil pessoas;
- Multidisciplinidade. Apesar de o nome ser de Arquitectura, a Faculdade abrange áreas específicas como Urbanismo ou Interiores e outras como Design ou Moda, enquadrando-se no conceito anglo-saxónico de “school of design”;
- Confiança. O corpo da Faculdade transmite confiança no seu trabalho lectivo, de produção, de investigação, de coordenação e de gestão, estando encarregue de projectos a nível europeu, explanando o seu conhecimento tanto no domínio prático como científico em termos nacionais e internacionais;
- Biblioteca. A biblioteca da Faculdade e o respectivo centro de documentação são uma fonte de informação bem organizada ao dispor de todos para consulta ou requisição;
- Investigação. Estes gabinetes são importantes pela dimensão pós-lectiva a que transportam a Faculdade, sendo exemplos o Centro de Investigação de Arquitectura, Urbanismo e Design – CIAUD - ou o Grupo de Estudos Socio-Territoriais Urbanos e de Acção Local – GESTUAL;
- Prestação de serviços. O Centro de Prestação de Serviços – CPS - dá mais um passo e cria contacto directo entre o conhecimento gerado na Faculdade e o mundo real, espaço de validação desse mesmo conhecimento.

- Laboratórios. Funcionando em articulação com o CIAUD e com o CPS, estes espaços de investigação estão especialmente equipados consoante a área, havendo o de Prototipagem Rápida, de Digitalização 3D, da Cor, de Fotografia e Imagem de Síntese e de Desenvolvimento Têxtil.

- Mobilidade. Dentro da Universidade é das Faculdades que têm mais protocolos com Faculdades estrangeiras para mobilidade, tanto de alunos como de docentes, o que demonstra a sua atractividade e o seu interesse na internacionalização. Actualmente os programas são Erasmus, Templo, Infinity, Ausmip e Rethink.

Weaknesses/Fraquezas:

- Espaço. A não construção de um dos seis edifícios da Faculdade, destinado aos gabinetes dos professores, administração e associação académica, limitou logo de princípio o espaço destinado aos alunos e a própria validação do programa de arquitectura, o que com o aumento do número de alunos veio a agravar a sobrelotação;

- Organização. Decorrente do mesmo problema, a organização do espaço tornou-se pouco clara e a ordem entre aluno e professor, sala e gabinete, desordenada;

- Variedade espacial. Com a sobrelotação e a respectiva desordenação, por necessidade, a variedade espacial tornou-se limitada, havendo, por exemplo, pouca distinção entre espaço de aula prática e teórica do primeiro ao último ano;

- Modelo de ensino/espacial vs Realidade profissional. A Faculdade foi desenhada segundo o conceito de proporcionar aos alunos aulas de base de projecto e desenho que recriassem o espaço de atelier o melhor possível, aproximando-os de uma realidade profissional em que estagiar nesses espaços durante o curso era hábito, realidade essa que se modificou e que hoje aponta para as tecnologias e para a individualização do caminho académico por meio da especialização numa das várias áreas em que a arquitectura se pode dividir além do trabalho de atelier.

- Circulação. Outra consequência, parte do mesmo motivo, parte do próprio programa de arquitectura, que assumia circulação sem corredores entre as salas de aula para um sistema de ensino aberto a todos, foi a necessidade de ter aulas teóricas e práticas a decorrer ao mesmo tempo e com ruído;

- Participação na vida activa do Polo. O auditório e espaços comerciais estão “engolidos” na compartimentação actual da Faculdade e não participam/beneficiam do espaço público do Polo;

- Espaço 24. Com a sua localização na garagem, este espaço não tem as condições necessárias para poder estar a funcionar vinte e quatro horas por dia, uma necessidade urgente de uma Faculdade com esta natureza de áreas de estudo e trabalho;

- Auditório Rainha Sonja. A sua localização, necessariamente de destaque, está relacionada com a organização da Faculdade em si e não com uma Faculdade dentro de um Polo, sendo que mesmo assim a sua capacidade e acústica não são ideais para apresentações e conferências bastante solicitadas e concorridas.

Oportunities/Oportunidades:

- Frente da Faculdade para o Polo. O vazio de “apresentação” da Faculdade ao Polo em área de construção é uma oportunidade para colmatar várias lacunas apontadas;
- Verificação do modelo inicial. Uma hipotética extensão da Faculdade, em caso de não haver qualquer demolição total, abre espaço para a exploração e limpeza do conceito inicial de arquitectura que nunca chegou a ser verificado, racionalizando o existente;
- Expansão dos gabinetes emergentes. Os actuais gabinetes de investigação estão em crescimento e já se organizam em vários subgrupos, o que indica que, apontando nesta direcção, a possibilidade de dar um lugar físico de destaque para a dimensão crítica e criativa da Faculdade apresenta-se;
- Duas naves no edifício seis. Comparativamente às condições que Design tem com a proximidade às oficinas, Moda está desfavorecida, e sendo que as oficinas decorrem numa nave, as actividades oficinais de Moda poderiam decorrer em paralelo na segunda nave, equilibrando a oferta às duas principais disciplinas não arquitecturais da Faculdade, valorizando a multidisciplinariedade;

Treats/Ameaças:

- Política de crescimento. A política de crescimento da Faculdade pode estar ancorada a um plano semelhante para o Polo e outro à escala da Universidade, e como essas metas ainda não são claras dada a recente fusão, a incerteza mantém-se;
- Capacidade de investimento. Pela mesma razão não é possível imaginar uma capacidade de investimento futura que acompanhe a Faculdade na direcção que o seu volume de estudantes e os gabinetes de investigação já entretanto tomaram;
- Empregabilidade. Caso a Faculdade não se empenhe em encontrar uma forma de tornar os seus formandos menos dependentes da oferta corrente e mais adaptados às necessidades presentes e futuras da área atendendo à evolução tecnológica, a empregabilidade destes pode estar em causa em qualquer altura que haja crise no sector e o seu empenho poderá deixar de estar relacionado com as suas expectativas de futuro, levando ao desânimo, desistência, não-ingresso ou ao que já assistimos hoje, emigração jovem em massa.

4.1.4 Conclusão

Caso a proposta seja capaz de demonstrar fisicamente como as oportunidades se podem sobrepôr às ameaças, a sua viabilidade ganha consistência. Apresenta-se a reflexão tripartida das conclusões a esse respeito.

4.1.4.1 Alto da Ajuda

Demonstrando as potencialidades turísticas do Alto da Ajuda criando um polo turístico associado ao respectivo impacto no comércio local,

impulsionado paralelamente por um aumento da população académica residente, cuja identificação com o lugar melhoraria quão mais identificada estivesse com a comunidade, os riscos de que a política de investimentos privada ou o interesse público nacional não se orientassem para a sua concretização reduziriam significativamente.

4.1.4.2 Polo Universitário da Ajuda

Tornando clara a mais-valia da reabilitação do Polo com uma estratégia de valorização não só da residência para a comunidade académica mas de forma conjunta mais aliciante com a fomentação da investigação e iniciação profissional de forma extracurricular ou posterior à graduação, associada ao impacto que teria inequivocamente no comércio local e que seria maior em coordenação com as conclusões da análise do Alto da Ajuda, a Universidade de Lisboa teria muitas vantagens em se associar com esta estratégia e ter um papel decisivo numa viragem de página relativamente à época em que as reflexões e planos para ao Polo eram inconsequentes ou inacabados, mostrando a sua visão de empregabilidade e do seu papel social.

4.1.4.3 Faculdade de Arquitectura

Alargando o modelo de ensino da Faculdade a dois níveis, sem recorrer a demolições totais e apostando no conceito inicial com que foi concebida, acrescentando-lhe valor no novo edificado que eleve a sua multidisciplinidade e potência para investigação, dotando-a de variedade espacial que facilita tanto a adaptação à sua realidade como à inserção profissional, a tarefa da Universidade de Lisboa relativamente à busca de modelos de ensino mais adequados aos novos desafios inserção profissional para áreas criativas pode aqui ter uma resposta exemplar sólida.

5 Estado do Conhecimento

5.1 Estudo da transição ensino-profissão

Para entender as necessidades de um espaço de ensino superior de Arquitectura e Design são necessários dois tipos de enquadramento temporal diferentes. Um diz respeito a uma análise transversal, no presente, ao estado de arte de outras Faculdades semelhantes, de forma a concluir uma ou mais noções base de como projectar um espaço desta natureza. A segunda versa sobre uma análise longitudinal, que busca enquadrar o momento universitário com o passado no ensino obrigatório e o futuro na profissão, de forma a atingir uma definição programática transitória eficaz na transformação de um aluno com hábitos passados num profissional com valias futuras.

5.1.1 Edifícios de ensino

A organização de um espaço escolar define o suporte físico onde vão decorrer as actividades curriculares, as relações com a própria aprendizagem, a aquisição de conhecimentos e competências e a forma como vão decorrer as interações na comunidade escolar.

Em Portugal a legislação sobre os edifícios escolares está consagrada no Artigo 42º da Lei de Bases do Sistema de Ensino. Organiza-se em cinco pontos:

-“1- Os edifícios escolares devem ser planeados na óptica de um equipamento integrado e ter suficiente flexibilidade para permitir, sempre que possível, a sua utilização em diferentes actividades da comunidade e a sua adaptação em função das alterações dos diferentes níveis de ensino, dos currículos e dos métodos educativos.”;

-“2- A estrutura dos edifícios escolares deve ter em conta, para além das actividades escolares, o desenvolvimento de actividades de ocupação de tempos livres e o envolvimento da escola em actividades extra-escolares.”;

-“3- A densidade da rede e as dimensões dos edifícios escolares devem ser ajustadas às características e necessidades regionais e à capacidade de acolhimento de um número equilibrado de alunos, de forma a garantir as condições de uma boa prática pedagógica e a realização de uma verdadeira comunidade escolar.”;

-“4- Na concepção dos edifícios e na escolha do equipamento devem ser tidas em conta as necessidades especiais dos deficientes.”;

-“5- A gestão dos espaços deve obedecer ao imperativo de, também por esta via, se contribuir para o sucesso educativo e escolar dos alunos.”

Entende-se que, em Portugal, se pretende uma educação escolar, entendida na sua totalidade, que pressupõe um entendimento da arquitectura como uma dimensão material da cultura da escola que interage com o mundo social, reflectindo-o e alterando-o.

Pensamentos sobre a importância do elo ensino-arquitetura conduziram a ideais de desenvolvimento cultural de comunidades, como as do educador e humanista Henry Morris nos anos 30, que afirmava que uma sociedade ter-se-ia de guiar por um sistema de ensino que tivesse a capacidade de proporcionar experiências educativas durante toda a vida de cada um, assim como por um sistema de planeamento que tivesse um princípio cultural e comunitário. O seu objectivo era criar “comunidades mais responsáveis e autodirigidas”.

Trinta anos depois José Sousa Esteves, escrevendo sobre a ideia de um programa de generalização do acesso a instalações desportivas da aldeia à cidade, desenvolveu o conceito “Escola Comunitária”, lembrando que o desporto, assim como a arte e a ciência, como parte da cultura no sentido amplo do termo, “só se realizam plenamente na educação, recreação e convivência comunitária, destinadas a toda a população local, de ambos os sexos e de todas as idades.”

Na mesma altura a OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico) alertou (Croft, 2001) que é necessário “reconhecer as características da comunidade local, o tipo de identificação da escola com a sua envolvente e como esta identificação se manifesta na ênfase que a escola dá à sua missão tradicional de ensinar, em contraponto com uma missão de transformação social (...)”. Sobre este tema Vasco Croft, autor do livro “Arquitetura e Humanismo”, entende que, para uma cooperação saudável entre a escola e comunidade, os factores social, económico e político são chave. Se forem positivos, pode existir um envolvimento mais natural, cumprindo o programa educativo comungando dos equipamentos existentes em ambos espaços. Contrariamente, a escola deve procurar ser agente de transformação social subordinadamente ao objectivo educativo, pois estes encadeiam-se em benefício próprio.

Do ponto de vista pedagógico e social, com a relação directa entre problemas sociais e êxito escolar, educadores concluíram que a abertura da escola e a promoção de actividades comuns beneficia ambos. Do ponto de vista económico, atendendo ao volume de investimento em infra-estruturas desta natureza, aliar o ensino ao uso público é um acto de racionalização de recursos.

Neste tipo de reflexões, o aspecto temporal não pode ser ignorado e de facto muitos destes pensamentos originam de alturas distintas, mas Vasco Croft lembra que, mesmo assim sendo, elas não deixam de se aplicar pois são adaptáveis à presente realidade, bastando constatar o “grande mal-estar em relação à Escola, ao ensino e às instalações, por parte do público em geral, dos professores e dos alunos”, parte pela deficiente localização urbanística. Alertando para um processo que teria de ser progressivo e apoiado por sensibilização do público, a escola aberta à sociedade poderia implicar um modelo diferente, com professores de competências múltiplas, salas de aula flexíveis e aposta em grupos de trabalho de dimensões variáveis, sem esquecer o acompanhamento individual.

“Construir um edifício para ensinar e ensinar a partir de um edifício são tarefas diferentes” (Croft, 2001), mas indissociáveis. É transversal aos edifícios de ensino obrigatório e superior o favorecimento de racionalização de recursos, das actividades extracurriculares – no obrigatório como habituação para a individualização das

experiências de aprendizagem, indispensáveis no superior - e da dimensão cultural que os identifica. O que os distingue, quer fisicamente quer curricularmente, é o respectivo objectivo. Se por um lado o ensino obrigatório trabalha as competências básicas transversais à maioria das pessoas com vista à utopia da inserção social global e uniforme, o ensino superior explora a especialização para a valorização pessoal.

5.1.2 Incubadoras de ensino

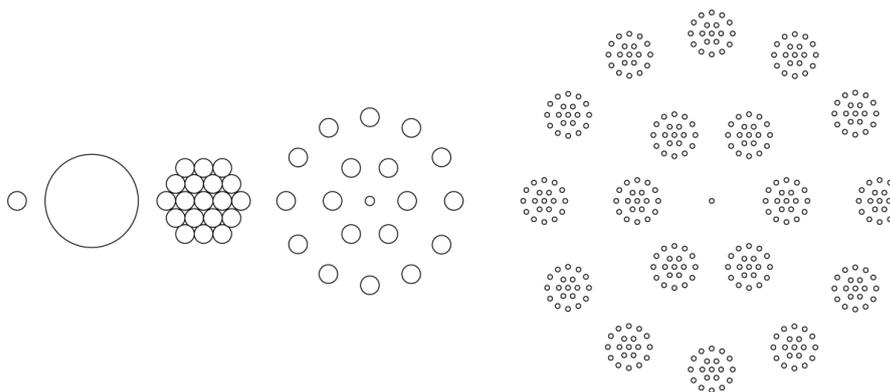


Figura 13 – Diagrama de evolução dos ciclos de ensino em Portugal: primeiro, segundo, terceiro, secundário e universitário/politécnico

Incubar, originalmente do latim entendido como acto de deitar, pode-se interpretar também como “colocar dentro do cubo”. Entendamos esse cubo como o espaço síntese da realidade que é construído à volta do estudante. Metaforicamente, o ensino português pode ser visto como uma incubadora com várias câmaras – “cubos” - que se sucedem em cadeia e que se vão abrindo exponencialmente ao ambiente social, cultural e profissional, da qual o ensino superior é uma câmara opcional que maximiza essa experiência e aumenta a nível pessoal o leque de ferramentas para saber lidar com esse ambiente. O espaço físico de cada câmara da incubadora procura garantir uma evolução proporcional que parte da forma síntese e se aproxima da multi-forma real desse mesmo ambiente.

O factor obrigatoriedade de frequência no ensino obrigatório é chave, pois traduz a expectativa da sociedade perante o indivíduo. A plena possibilidade de escolha – decisão sem influência legal de um encarregado de educação - na maioridade define a transição entre a fase obrigatória e a opcional e coincide com relações com a comunidade de amplitudes distintas. Ao passo que inicialmente a tendência é uma relação local e uma experiência cultural singular, obrigatória, no caso opcional do ensino superior o leque parte do ponto de proximidade até à transculturalidade permitida por protocolos de mobilidade internacional.

5.1.3 Escolaridade obrigatória

5.1.3.1 Ensino básico

O Ensino Básico corresponde a três ciclos sequenciais de quatro, dois e três anos que compõem a primeira fase de escolaridade obrigatória entre os seis e os quinze anos.

O primeiro ciclo prepara o aluno para a aprendizagem em turma, ainda com acompanhamento individual cuidado. O espaço e o professor são os referentes familiares de cada aluno na sua orientação que dão corpo e presença ao “lugar da aprendizagem”. O grupo de colegas é o desafio social que é imposto diariamente e a percepção física de limite é trabalhada habitualmente por três elementos chave: rua, espaço desconhecido, aula, zona de concentração, e recreio, zona de diversão.

No segundo ciclo aumenta o número de disciplinas numa introdução ao encontro transdisciplinar que coloca a turma em circulação dentro do espaço de ensino incentivando a procura pelo conhecimento e pela experiência social no recreio, mais variada.

O terceiro ciclo caracteriza-se pelo aprofundar das matérias e um leque mais abrangente de experiências como introdução de uma outra língua estrangeira além do inglês, respeitando a maior responsabilidade e poder de decisão dos alunos, entre os doze e os quinze, lhes fornece instrumentos para decidir o seu percurso futuro.

5.1.3.2 Ensino secundário

O Ensino Secundário corresponde a um ciclo de três anos que compõe a segunda fase de escolaridade obrigatória entre os quinze e os dezoito anos.

Segundo a Lei de Bases do Sistema Educativo, “o ensino secundário organiza-se segundo formas diferenciadas, contemplando a existência de cursos predominantemente de formação de sentido técnico, tecnológico e profissionalizante e de língua e cultura portuguesas adequadas à natureza dos diversos cursos” em que “cada professor é responsável, em princípio, por uma disciplina”, sendo-lhe particular “assegurar o desenvolvimento do raciocínio, da reflexão e da curiosidade científica e o aprofundamento dos elementos fundamentais de uma cultura humanística, artística, científica e técnica que constituem suporte cognitivo e metodológico apropriado para o eventual prosseguimento de estudos e para a inserção na vida activa.”

Este ciclo, apesar de obrigatório, permite a escolha entre cursos Científico-Humanísticos, para o prosseguimento de estudos no Ensino Superior, e Profissionais e Artísticos Especializados, para inserção profissional ou prosseguimento de estudos.

A multiplicidade de cursos dentro do mesmo estabelecimento promove uma organização em que na mesma área de aprendizagem os alunos obtêm experiências semelhantes e na área de recreio o recinto escolar é rico em diversidade social. Esta

aproximação ao convívio em espaço público torna mais ténue a separação deste com o espaço de ensino, sendo importante o tipo de relacionamento com a realidade social circundante.

O Programa de Modernização das Escolas destinadas ao Ensino Secundário (PMEES), do Manual de Projecto da Parque Escolar de Agosto de 2009, confirma esta realidade apresentada. Pode ler-se que “visa actuar de forma integrada ao nível da requalificação das infra-estruturas escolares, da abertura da escola à comunidade, da manutenção e gestão dos edifícios após requalificação e de redução de impacto ambiental. Ao mesmo tempo, pretende-se promover nos espaços escolares a divulgação de conhecimentos, informação, competências dos alunos, estimulando e apoiando a aprendizagem e formação de uma forma inclusiva, a tempo inteiro e envolvendo a comunidade exterior.” O seu objectivo, declara, é a “construção de uma nova cultura de aprendizagem”.

Este programa, desenhado para conclusão em 2015, apoia-se nas novas tendências do modelo educativo em Portugal como afastamento da exclusividade centrada no professor - aprendizagem passiva – para promoção de exercícios colaborativos e exploratórios como investigação, procura, simulação e produção, descentralizando o espaço de aprendizagem da sala de aula.

Não é uma coincidência que este programa esteja planeado para a primeira fase da vida estudantil em que se toma uma decisão relativamente ao futuro consoante as expectativas pessoais. É importante dar a entender que a especialização da aprendizagem pessoal não deve significar um afastamento da realidade comum, de tal forma que a abrangência proposta do espaço de ensino não só extravasa a sala de aula como se estende à comunidade exterior, promovendo “a formação ao longo da vida”.

Há um curriculum formal que a escola não pode abandonar e que depende de espaços lectivos apropriados às práticas pedagógicas, mas os restantes espaços têm a potência de criar oportunidades de aprendizagem informal, encorajando “alunos e docentes a permanecer mais tempo na escola e a participar activamente no projecto educativo e portanto contribuir para criar uma atitude de aprendizagem.”

A aprendizagem informal pode aumentar a capacidade de improvisação, decisão e criatividade do indivíduo, ferramentas que no caso de uma Faculdade de Arquitectura e Design são muito vantajosas na tarefa de integração ao seu primeiro ano.

5.1.4 Ensino superior

Ao ensino superior cabe o entendimento de duas etapas, a antecedente e a subsequente. Recebe pessoas com uma experiência de ensino obrigatório semelhante entre si e transporta-as para o mundo profissional adaptadas a uma área específica e à sua própria capacidade individual.

O seu potencial como motor de integração profissional não dependerá apenas da adequação dos processos de aprendizagem à oferta do mercado de trabalho mas também do nível de dependência que as suas metodologias podem criar caso o seu programa curricular não permita ao estudante personalizar o seu percurso de introdução profissional.

5.1.4.1 Em Portugal

O sistema de Ensino Superior em Portugal organiza-se por binário universidade-politécnico de naturezas privada e pública.

À luz do Artigo 11º da Lei de Bases do Sistema Educativo lê-se que a diferença entre universidade e politécnico é que o primeiro, “orientado por uma constante perspectiva de promoção de investigação e de criação do saber, visa assegurar uma sólida preparação científica e proporcionar uma formação técnica que habilite para o exercício de actividades profissionais e culturais e fomenta o desenvolvimento das capacidades de concepção, de inovação e de análise crítica”, e o segundo, “orientado por uma constante perspectiva de investigação aplicada e de desenvolvimento, dirigido à compreensão e solução de problemas concretos, visa proporcionar uma sólida formação cultural e técnica de nível superior, desenvolver a capacidade de inovação e de análise crítica e ministrar conhecimentos científicos de índole teórica e prática e as suas aplicações com vista ao exercício de actividades profissionais.”

O modelo de docência mostra igualmente diferenças. Segundo o Decreto-Lei nº 205/2009, na universidade há professores catedráticos, coordenadores da orientação pedagógica e científica e directores de disciplinas, professores associados, coadjuvantes dos anteriores e regentes de disciplinas, e professores auxiliares, que leccionam aulas práticas e acompanham trabalhos de laboratório ou campo. No politécnico há professores coordenadores, encarregues das áreas pedagógica, científica e técnica, e os auxiliares, colaboradores dos coordenadores em disciplinas ou áreas científicas.

A legislação estende-se à diferenciação dos estabelecimentos, atribuindo a frequência universitária a universidades ou escolas universitárias não integradas, constituídas por escolas, institutos ou faculdades, e a frequência politécnica a escolas superiores especializadas que podem ser associadas a unidades mais amplas dependendo do interesse regional ou da sua natureza.

Universidades e politécnicos, estas instituições de ensino superior são o último passo na formação antes da inserção no mundo profissional e são de carácter facultativo. A sua frequência implica a escolha de um curso que dará certificado profissional, portanto a responsabilidade do sucesso nos estudos está mais do que nunca no estudante.

Ainda assim cabe às instituições entender o modelo educativo e o espaço adequado à melhor adaptação possível dos estudantes, com experiências espaciais e educativas de referência do ensino secundário e ao mesmo tempo para a mais

sucedida inserção profissional possível consoante as características da profissão e das respectivas oportunidades.

5.1.4.2 Ensino de Projecto

Neste caso o modelo educativo é muito específico à área devido às características da profissão como intervenção científica, artística e social, mas ao mesmo tempo muito dependente de outras áreas que são extensão da sua influência na especialização técnica.

Recorrendo às “Reflexões sobre o Método” (1994) de Cristiano Moreira, pode entender-se o processo metodológico da profissão da arquitectura dividido nas fases de programação, concepção, execução e utilização, às quais correspondem resultados respectivos de programa, plano, produto e verificação. A necessidade de confrontação de fases traduz-se de uma preocupação de não perder a referência do objectivo final dada a abrangência e variedade de acções de cada uma. A fluência e o controlo das fases funcionam ciclicamente porque são interdependentes.

Semelhante ideia é exposta em “How Designers Think”, de Bryan Lawson, recorrendo ao “RIBA Architectural Practice and Management Handbook” (1965), cujo processo de design é uma sequência de quatro fases: um, assimilação, com a acumulação e ordenação de informação geral e relacionada especificamente com o problema, dois, estudo geral, com a investigação da natureza do problema e de possíveis meios de solução, três, desenvolvimento, para a exploração de uma ou mais tentativas de solução isoladas na fase anterior, e quatro, comunicação de uma ou mais soluções às pessoas dentro e fora da equipa de trabalho. A fluência cíclica entre fases é resultado de ser difícil saber que informação juntar na fase um antes de ter havido alguma investigação do problema na fase dois, ou de o desenvolvimento detalhado de soluções na fase três raramente derivar numa conclusão final por revelar fraquezas no entendimento total do problema que faz retornar à fase dois.

Bryan Lawson acaba por ir mais longe na reflexão sobre o método RIBA e outros semelhantes, apresentando que no geral, todos concordam que tudo passa por um resumo e estudo dos conhecimentos, testando-os segundo critérios estabelecidos e comunicando as soluções a clientes e construtores, mas que a ideia de que estes eventos se podem agrupar em fases conseqüentes, mesmo que seja possível voltar atrás, é muito questionável. E a razão prende-se com o facto de as pessoas envolvidas terem formas de pensar e comunicar tão diferentes que problemas vistos de uma perspectiva podem virar oportunidades vistos de outra e vice-versa.

Lawson propõe então um entendimento simplificado de três momentos que podem ocorrer alternadamente numa só grande fase de negociação em forma de análise, avaliação e síntese que incluem um problema e apontam a uma solução.

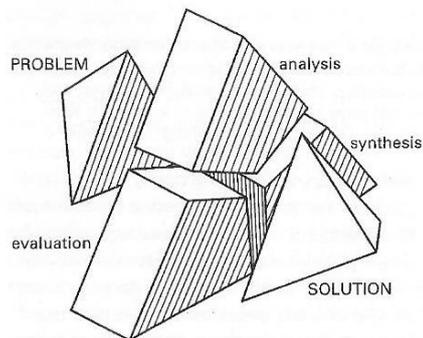


Figura 14 - Diagrama do modelo de projecto de Bryan Lawson

Durante o processo a cooperação varia entre cliente, equipa técnica e utente. A noção da função de cada é importante para haver relação humana, respeitadora e cooperante que se traduza no melhor entendimento e concretização do objecto final. Acresce à prática da Arquitectura a responsabilidade da comunicação como coordenador dos vários intervenientes.

Quando comparado com o modelo profissional, o modelo de ensino tende a não ser uma versão sintética e abrangente, mas sim focada na programação e concepção e deixando de fora a concretização do produto e a respectiva confirmação. Simultaneamente não envolve a globalidade dos intervenientes fundamentais acima referidos, secundarizando ou ignorando a capacidade de comunicação e partilha de tarefas.

Defende Cristiano Moreira que o modelo de ensino deveria significar o entendimento da disciplina como um todo e não como soma de partes, reduzindo ao essencial a informação de toda a realidade profissional para a sua eficiente compreensão, tomando por meio a cooperação entre escolas, coordenação entre departamentos universitários que envolvesse no mínimo as áreas de especialidade. Acrescenta que a investigação, concepcional e tecnológica, e o serviço de apoio à comunidade seriam duas apostas fundamentais.

Em 1999 a Declaração de Bolonha, como lembra Paulo Mendonça em “Ensino da Arquitectura no contexto Bolonha” (2007), com o objectivo de facilitar a mobilidade e favorecer a empregabilidade na Europa, veio a originar mudanças no modelo de ensino da Arquitectura em Portugal.

A Licenciatura passou a ter três anos e a ser parte de um Mestrado Integrado de cinco anos, exigindo uma maior síntese do modelo profissional na construção do modelo de ensino, maior necessidade de recorrer a problemas concretos dentro da realidade social, e atribuindo maior responsabilidade na aprendizagem ao aluno.

A responsabilização pessoal é clarificada aos alunos que pretendam frequentar a Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa pelo Presidente José Pinto Duarte, respondendo à revista Mais Educativa (Guia de Acesso ao Ensino Superior 2013), sobre “o que muda do Secundário para o Superior”, que “há algumas diferenças importantes. No Superior, espera-se que o aluno tenha maior autonomia e iniciativa. Não é possível ao professor, dada a extensão das matérias, expô-las na sua

totalidade, pelo que o aluno deve estar preparado para pesquisar o resto da informação em bibliotecas e outras fontes de conhecimento. Existe um aumento do grau de exigência de desempenho, mas este corresponde a um aumento de maturidade, que é natural na idade em que o aluno inicia a Universidade. Existe uma exigência muito grande em termos de ética académica”.

Relativamente à necessidade de estar alerta para os problemas sociais e para a realidade da profissão, em resposta à mesma revista, afirma que nas “áreas de formação que a Faculdade de Arquitectura oferece, possuindo uma componente prática muito grande, é importante além de estudar, trabalhar. Trabalhar nos trabalhos práticos que são propostos na escola, mas também em ambiente profissional. É muito importante ganhar experiência. É assim muito importante obter um estágio ou um trabalho a meio tempo em atelier ou em outros contextos ligados à futura profissão como a indústria, Administração Pública, centros de investigação, etc. Outro aspecto importante é ligar o trabalho final de curso ou a tese a problemas concretos da sociedade e até mesmo desenvolvê-los em colaboração com uma entidade que possa ser futura empregadora.”

5.1.5 Iniciação profissional e Sociedade

5.1.5.1 Em Arquitectura

Pela leitura do relatório “Profissão: Arquitecto/a”, de Vera Borges, entende-se que o modelo de ensino de Arquitectura clássico tinha como pilar a aula de projecto em turma. A iniciação profissional era facilitada sobretudo pela experiência prática em ateliers durante a formação, na altura comum, dando espaço e tempo para aprofundar as matérias teóricas mas não perdendo a componente de execução. Desta forma, em vez de uma síntese da realidade para a sua melhor compreensão no ensino, conseguia-se um aprofundamento de matérias leccionadas e uma iniciação profissional precoce.

Desde 1975 verificou-se uma crescente abertura de cursos de arquitectura em universidades públicas e, sobretudo, privadas, essencialmente impulsionada pelas transformações sociais e anos depois pelos apoios com a entrada na Comunidade Económica Europeia.

O crescente número de licenciados levou à superação da “procura” relativamente à “oferta”, lentamente desactualizando o modelo de ensino de Arquitectura clássico à realidade em termos de eficiência para a iniciação profissional.

A Declaração de Bolonha acentuou, pela sua ideologia, a aposta na prática em detrimento da teoria no Ensino Superior o que, no caso de Arquitectura, levou à criação de Mestrados Integrados, uma vez que se considerou que três anos não seriam suficientes para abranger as matérias essenciais. Do ponto de vista da iniciação profissional, a compactação das matérias e o volume de trabalhos práticos, associados à estagnação do mercado imobiliário e da construção e ao volume de estudantes e formados à procura de emprego, dificulta ainda mais o acesso à experiência profissional durante o ensino.

O modelo clássico orienta-se sobretudo para a turma, o professor e o trabalho em atelier. Independentemente da sua eficiência, atribui especial relevância a um modelo trabalho e uma experiência espacial e organizativa da profissão. A sua desactualização relativamente à realidade torna o acesso à profissão mais difícil.

Formas inovadoras para evitar que os graduados estejam dependentes exclusivamente da capacidade empregadora de ateliers, uma vez que postos administrativos não são hipótese devido à não-contratualização vigente, têm surgido na Europa e demonstram que a multidisciplinariedade da Arquitectura pode fornecer mais saídas profissionais se, em vez de ser considerada só como um todo, for como um grande meio de alcançar várias especializações das vertentes artística, técnica e social da disciplina. De referir que uma formação orientada para a solução de problemas novos e de elevado grau de indefinição por meio de metodologias de projecto e pela criatividade, comparando a uma formação exclusivamente apoiada no método científico, mais destinado à resolução de problemas bem definidos, entende-se mais eficiente no campo da inovação.

Michel Bonetti identificou em 2004, na edição 3 da revista Cahiers Ramau, na sua peça “Les nouvelles formes d’activités de la maîtrise d’oeuvre architecturale et urbaine en Europe”, quatro grupos de inovação no exercício da Arquitectura.

Um grupo lembra que o arquitecto tem características específicas que o capacitam para o entendimento dos componentes da construção. Há uma potencial área de cooperação com a indústria para a idealização de elementos construtivos por explorar.

Outro refere que o entendimento do arquitecto sobre a organização e processo da obra desde a fase de programação capacita-o para a tarefa de gestão. Em obras de dimensão superior idealiza-se um grupo de arquitectos-gestores que coordenariam as áreas de projecto e especialidades sem intervir no desenho, mas compreendendo-o e controlando o orçamento e as expectativas do cliente. Esta divisão de tarefas reduziria o tempo dos prazos.

O terceiro grupo abrange o entendimento social do arquitecto. Aponta a projectos de escala urbana e coloca-o numa posição sociotécnica de análise das condições de coabitação, habitabilidade ou relevância cultural para fazer a ponte com as instâncias políticas e garantir que o conhecimento da realidade é superior para que cada intervenção vá ao encontro das necessidades das pessoas.

O último foca-se na comunicação e informação. Em Arquitectura comunicar requer um conhecimento profundo e sensibilidade para tornar clara a qualquer pessoa uma ideia. A evolução das tecnologias multiplicou os meios mas tornou-os mais complexos, abrindo espaço para a especialização na área. O exemplo da impressão tridimensional subiu a fasquia das capacidades tecnológicas não só de comunicação mas mesmo de produção. Protótipos têm sido desenvolvidos para a impressão de componentes construtivos e até mesmo espaços inteiros. Os limites estão por explorar e o arquitecto está numa posição privilegiada para os testar.

Se a aposta no futuro do arquitecto se traduzir na maior variedade de hipóteses e características da sua profissão, deixando de ser referência principal o espaço atelier, o modelo de aula no ensino terá de ser repensado.



Figura 15 - Espaço de trabalho do grupo norueguês Snohetta

A especialização, reflectida no espaço de ensino, tende para a individualização de uma área de trabalho reduzida, dominada e controlada, integrada em espaços multifuncionais partilhados, à semelhança da vida profissional, cujo percurso é individual e distinto mas a cooperação com outras áreas é essencial.

5.1.5.2 Criatividade em Comunidade

A uma escala mais alargada podemos extrapolar o futuro da profissão de Arquitectura anteriormente apresentada para o grupo criativo em que se insere socialmente, a par de cientistas, escritores ou artistas.

A descoberta, descrita por Albert Szent-Gyorgyi como a capacidade de ver o que todos vêem e pensar o que ninguém pensou, implica um pensamento criativo sobre uma verdade estabelecida, exactamente o que também fazem os cientistas de investigação, por exemplo.

Dentro deste âmbito há um autor que se destaca, Richard Florida, que em “The Rise of the Creative Class” nos deixa uma caracterização comportamental de pessoas cuja profissão ou forma de ser se enquadram com a “descoberta” de Albert Szent-Gyorgyi.

O que as distingue é o seu processo mental. Florida escreve que os quatro passos do pensamento criativo, reflexão que é atribuída a Graham Wallas, são a preparação, a incubação, a iluminação e a verificação/revisão:

- a preparação é a fase de estudo em que se define o problema, recolhe e reflecte informação e se idealizam os critérios de verificação;

- a incubação, a que Florida atribui misticidade, é a fase em que o consciente e o subconsciente se afastam do problema para o contemplar e meditar em busca da “luz”;

- passo “Eureka” para Florida, é na fase de iluminação que se alcança uma hipotética solução síntese;

- o cumprimento dos critérios estabelecidos na fase de preparação pela síntese é avaliado na fase de verificação que conclui a necessidade ou não de revisão.

Sujeitas à fluidez criativa e à variação de estados mentais que a alternância de fases impõe, a tendência é para um regime de horário laboral irregular. Mas para se conseguir funcionar “descoordenadamente”, convém existir um processo de individualização do trabalho acompanhado de uma gestão comum mais abrangente em que o um dependa do todo e o todo do um.

Esta individualização aumenta o controlo sobre as expectativas pessoais e aumenta proporcionalmente a necessidade de consciencialização sobre as pessoas que dependem do nosso trabalho e/ou vão sentir o seu impacto – fomenta a crítica e a autocrítica.

Paralelamente vivemos uma revolução tecnológica que influencia a nossa capacidade de comunicação. O imediatismo tornou-se requisito no consumo da informação e passou a ser necessário um filtro pessoal que dite o que é ou não relevante.

A tendência da tomada individual de poder sobre a concretização de expectativas ou sobre a informação desejada é uma grande mudança e as pessoas que trabalham com criatividade são as que mais se lhe associam por identificação e benefício.

Outra capacidade que esta atitude atribui é o melhor entendimento das nossas limitações, porque são postas à prova mais vezes. A curiosidade é a “barra energética” que faz com as limitações não sejam verdadeiramente limitativas e se possam contornar com um olhar diferente sobre uma mesma realidade, eliminando a ideia do “génio criativo” e democratizando a criatividade.



Figura 16 - Ilustração da democratização da criatividade

Associando de novo este capítulo ao anterior, compare-se a forma como os espaços de trabalho das áreas criativas se moldam com os então descritos como tendenciais para arquitectura - Florida traz o exemplo de Don Carter, da firma UDA Architects, que indica os elementos chave: espaços abertos, tectos altos, percurso exterior de circulação (todos têm direito às vistas), espaços comuns, abundância de espaços de lazer, muitos espaços de arrumos, um ambiente de experiência (qualidade

de design, cores fortes, elementos estruturais à vista), luz indirecta e abundância de arte.

Em suma, criatividade em sociedade é um modo de vida que se baseia na procura constante do que está para vir e que vive da troca de experiências que enriquecem o conhecimento e diminuem gradualmente as limitações dos indivíduos para estes poderem influenciar a comunidade com as suas ideias e práticas. É um modo de vida contagiante e agregador no qual se incluem não apenas as disciplinas da Faculdade de Arquitectura mas como qualquer uma das do ISCSP ou da FMV que invistam na mesma atitude perante a profissão e que podem ter influência real na vida da comunidade que as envolve.

5.1.5.3 Agricultura como “cola social”

A realidade potencial anteriormente apresentada pode ser acusada de exclusiva para quem tem acesso a todos os instrumentos que estão de facto a facilitar essas práticas ou que já nasce dentro dessa geração. E é verdade, especialmente atendendo ao progressivo envelhecimento na Europa. É necessário que esta saiba não apenas retirar para si todas as experiências sociais em seu redor de que beneficia, mas que também retorne a sua própria experiência como acessível para quem não tem capacidade de a alcançar independentemente, dando verdadeiro sentido à palavra “comunidade”.

Desta forma torna-se necessário encontrar um denominador comum, uma actividade ou experiência que funcione como “cola social”, possa ser partilhada e que tenha a especial característica de ser transgeracional – a agricultura.

Hortas urbanas têm voltado às cidades europeias e no mundo e têm funcionado como momento social e de partilha aproximando as comunidades locais. Do ponto de vista da população envelhecida, a importância destes espaços tem haver com a possibilidade de ocupação e de validação das suas capacidades pessoais, ao mesmo tempo que se as hortas urbanas funcionarem de forma partilhada, trazem um sentido de “utilidade” para com a comunidade e evita que estas se isolem. Do ponto de vista da população criativa, que parte das escolas até aos profissionais, a novidade de entender o potencial de espaços de partilha transgeracionais nas cidades como as hortas urbanas não só se apresenta como um potencial desafio criativo em si como aumenta a amplitude social da qual esta pode retirar experiências que influenciem o seu próprio trabalho ou espírito de formas que nunca imaginaram.

Citado por Katherine Brown em “Urban Agriculture and Community Food Security in United States” (2002), Michael Ableman, agricultor, escritor e fundador do Centro para a Agricultura Urbana na Califórnia, do Solefood Farms em Vancouver e do Centro de Artes, Ecologia e Agricultura em Salt Spring Island, faz um resumo do impacto da agricultura nas cidades que habitamos: “Há uma revolução silenciosa no sistema de alimentação. Não acontece tanto em quintas distantes que ainda nos fornecem a maioria da nossa comida; está a acontecer nas cidades, bairros e municípios. Evoluiu da necessidade básica de todas as pessoas de saber da sua

alimentação e para ter algum sentido de controlo sobre a sua protecção e segurança. É uma revolução que está a fornecer as pessoas pobres com uma importante rede de segurança onde elas podem fazer crescer alguns nutrientes e rendimento para elas próprias e para as suas famílias. E está a fornecer um oásis para o espírito humano, onde as pessoas da urbe se podem juntar, preservar algo da sua cultura através de sementes e alimentos autóctones, e ensinar as suas crianças sobre alimentação e sobre o planeta. A revolução está a tomar lugar em pequenos jardins, debaixo de linhas do comboio ou de cabos de energia, nos telhados, em mercados de quintas, e nos mais improváveis espaços. É um movimento que tem o potencial de conciliar múltiplos assuntos: economia, ambiente, saúde pessoal e cultura.”

6 Casos de estudo

Seguidamente apresentam-se quatro casos de estudo que visam mostrar modelos diferentes de ensino do projecto actualmente em vigor. Ordenados por antiguidade, os dois primeiros são representantes de modelos clássicos em Portugal, concebidos segundo o conceito essencialmente assente no projecto e no desenho em sala de aula, sendo o segundo inserido num campus. Actualmente a Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa acaba por se identificar mais com estas devido às suas características de espaço e programa curricular. Os dois últimos representam modelos contemporâneos, um em Portugal e outro na Holanda (inserido num campus), apontados à especialização pela investigação a níveis de materiais, computação e produção em “open space”, dos quais a presente proposta se pretende aproximar.

6.1 Projecto: Faculdade de Arquitectura da U. do Porto



Figura 17 - Ortofotomapa do Porto (Faculdade de ARquitectura)

Arquitecto: Álvaro Siza Vieira

Ano: 1994

Fonte da informação e transcrições: Mendes, Manuel. Edifício da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Percursos do Projecto. Porto: FAUP publicações, 2003.

“A casa da arquitectura deverá ser uma casa exemplar”.

Com uma experiência semelhante à da Faculdade de Arquitectura de Lisboa construída pela mesma altura, também a do Porto foi deslocada em relação a Belas-Artes. Os dois valores que objectivava aglutinar no projecto eram como ensinar Arquitectura e como “estar” na cidade do Porto.

O desenho assumiu a imagem de “um imenso casario da Ribeira até à Foz”, ocupando uma encosta orientada a sul segundo a tradição recente da cidade das “plataformas mais altas”.

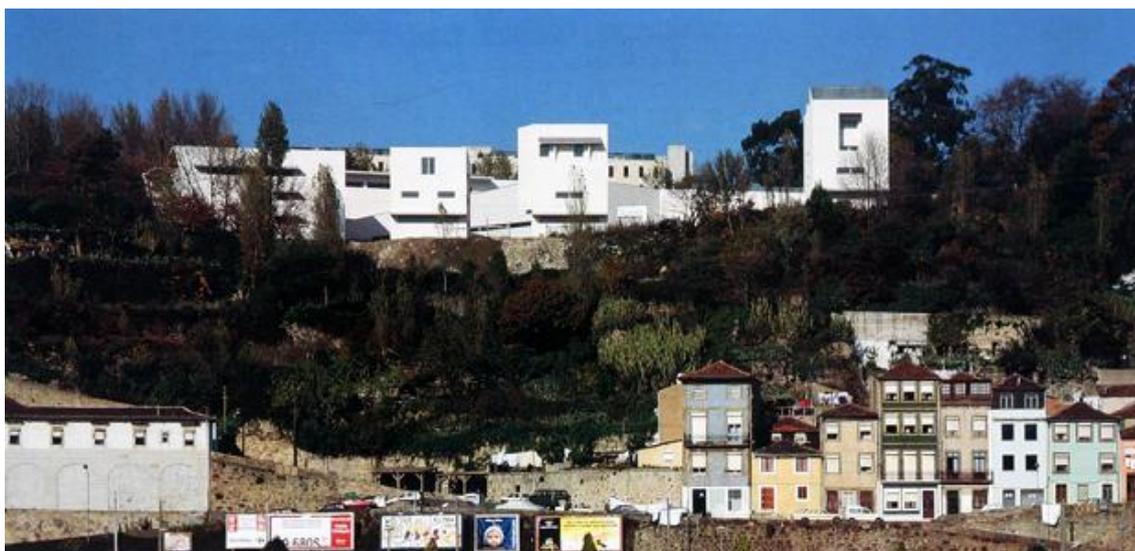


Figura 18 - Fotografia da fachada sul da F.A.U.P.

Manuel Mendes refere que esta obra serve de exemplo de como projectar, mesmo quando o local de intervenção parece vadio, sem regra compositiva, sem eixos, com poucas possibilidades de aproveitamento. Aqui volta a surgir um paralelo com a Faculdade de Arquitectura de Lisboa. Esta realidade não se apresentou em 1994 quando foi construída, pois era parte de um todo desenhado para uma eficiente integração urbana, mas como o todo não avançou, deixou uma Faculdade num espaço que hoje se constata que “parece vadio, sem regra compositiva, sem eixos”, mais observável na relação com a malha urbana afectada.

No balanço de ideias para a definição do projecto entendeu-se então que mais importante que o programa seria a abordagem à experiência pedagógica. Compreendeu-se a complexidade do ensino desta disciplina atribuindo à forma o momento “apaziguador”, como sendo o “referente formal que organiza o quotidiano”.

“A escola de Arquitectura quer-se confundida com o frenesim do dia-a-dia de todos, pressionada ao compromisso da vida pública. Quer viver misturada no espaço físico das contradições urbanas, quer sentir o pulsar da vida da cidade, para dele tomar lição constante no processo criativo que é formar saberes e transmitir a matéria da Arquitectura”.

Formalmente este projecto pode separar-se em dois. O espaço de distribuição e galerias, que gozam de dinâmica e expressão, sobre o qual Manuel Mendes levanta a dúvida se “haverá aí uma concepção secreta de ensinar em espaço comum”, e, em contraste, as salas de aula, mais rígidas e ortogonais, “provocatoriamente pequenas como que afirmando: não é possível ensinar quem não couber aqui”. Cada uma é singular na sua localização mas comungam na área útil e no número de postos de trabalho.

Lembrando a evolução apresentada, no estudo do ensino em páginas anteriores, este projecto demonstra como a forma de uma Faculdade de Arquitectura pode fazer a transição da experiência dos espaços de ensino para a profissão, tendo em conta a realidade dos anos noventa, dedicando ao momento de ensino a ordem clássica da turma e professor, mas ao momento de recreio/público a variedade e excepção que representa os movimentos e experiências culturais e sociais de uma cidade.



Figura 19 - Fotografia aérea da F.A.U.P.

6.2 Projecto: Escola de Arquitectura da U. do Minho



Figura 20 - Ortofotomapa de Guimarães (Campus de Azurém)

Arquitectos: Fernando Távora e José Bernardo Távora

Ano: 2002

Fonte da informação e transcrições: Távora, Fernando; Távora, José Bernardo. *Jornal dos Arquitectos. Faire École 2. Nº202. Setembro/Outubro de 2001*

Contrariamente ao projecto anteriormente apresentado, este desafio gozou de implantação e programação integrada no Campus de Azurém, Guimarães, juntamente com o complexo pedagógico, auditório nobre, cantina universitária, Escolas de Engenharia e Ciências, associação académica, pavilhão desportivo e residências universitárias. Note-se que, contrariamente ao Polo Universitário da Ajuda, todos os edifícios estão próximos, têm uma regra ortogonal e organizativa clara, existe um complexo pedagógico, um auditório nobre e uma associação académica externos aos edifícios das Escolas e situa-se perto das residências universitárias e do centro da cidade.

“O edifício proposto terá cinco pisos, sendo dois em cave e os restantes três dispostos sob a forma de um L, com um braço perpendicular e um segundo paralelo ao arruamento”.



Figura 21 - Fotografia da entrada da E.A.U.P.

A ortogonalidade é uma continuidade do desenho de conjunto que se transporta para o edifício da Faculdade. Ao colocar o corpo de entrada perpendicular ao arruamento estruturante consegue envolver de edificado uma rua interior “onde todos se cruzam”, enaltecendo o carácter público também pela sua função distributiva da secretaria, direcção, sala de exposições, anfiteatros, bar, livraria, papelaria e reprografia.

O momento de torção para o corpo paralelo ao arruamento transmite formalmente a alteração de funções, organizando-se aí os espaços de ensino, salas, oficinas e laboratórios, e os gabinetes dos docentes e de investigação.

Um corpo está encarregue da aprendizagem informal, social, e o outro da aprendizagem formal.

Acresce ao “L” um terceiro corpo na continuidade visual da entrada, situado no entretanto dos outros dois, com uma sala para desenho, transmitido assim na forma a admissão programática da importância desta disciplina na prática da Arquitectura.

“Teremos conseguido aqui o projecto de um edifício capaz de ambientar jovens estudantes e, através da sua formação e posterior prática profissional, contribuir para a melhoria das condições dos espaços e das formas que envolvem, e parcialmente determinam, o comportamento quotidiano de todos nós”?



Figura 22 - Fotografia aérea da E.A.U.P.

6.3 Projecto: Escola de Arquitectura e Artes da U. de Évora

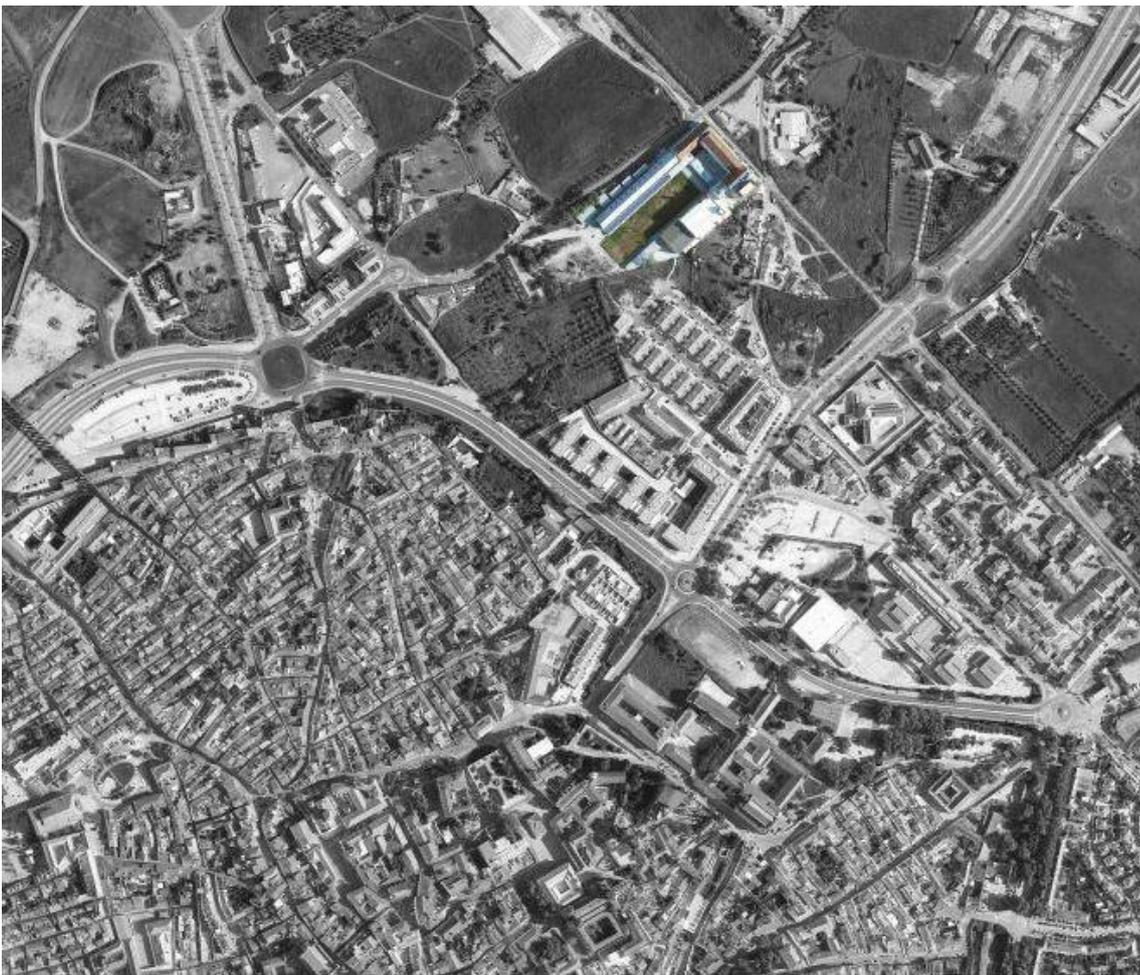


Figura 23 - Ortofotomapa de Évora (Escola de Arquitectura a Artes)

Arquitectos: Inês Lobo e João Maria Trindade

Ano: 2007

Fonte da informação e transcrições: Inês Lobo arquitectos. Arqa, Arquitectura e Arte. Edição nº66. Fevereiro 2009

Este projecto foi uma obra de reabilitação e extensão. O edifício a intervir foi a antiga fábrica dos Leões, em Évora, descrita como uma “excessiva volumetria imposta de forma abrupta sobre a planura” ou “uma inesperada e insólita topografia, um acidente no relevo da paisagem alongada, distendida, do Alentejo”.

O desafio foi transformar um edifício pensado para operar, onde as máquinas sempre “habitaram”, num direccionado para as pessoas:

“Desmontam-se as máquinas. Introduzem-se as pessoas. Saber que se sobrepõe a fazer. Reflexão mais que Função”.



Figura 24 - Fotografia do novo elemento em continuidade com a Fábrica dos Leões

Ao passo que neste caso matéria com uma função foi alterada para receber outra função, porque é a função que dita a matéria, a Faculdade de Arquitectura manteve a sua matéria independentemente das variantes da função que hoje conduzem, por exemplo, à sobreposição de espaços de gabinetes e aula.

A transformação do existente foi uma tarefa de subtracção de elementos que se sobrepuseram com o tempo até obter a imagem original. Reforçado o seu carácter histórico no lugar, reutilizou-se alguns dos seus conceitos para a proposta de extensão. A sua colocação estratégica, completando com o conjunto a forma “U”, amarra a avenida verde central, elemento urbano novo que contrasta com o edifício industrial e reforça a aposta no espaço social.



Figura 25 - Vista lateral de contraste entre vetusto e recente

6.4 Projecto: BK City, Faculty of Architecture of TU Delft



Figura 26 - Ortofotomapa de Delft (T.U. Campus)

Arquitectos: Wytze Patijn, presidente da F.A. da TU Delft, liderou a equipa composta por Braaksma & Roos, Fokkema & Partners, Kossmann.de Jong, MVRDV, Octatube Nederland bv, 2012Architecten e Design Team VITRA.

Ano: 2009

Fonte da informação e transcrições: website oficial - <http://www.bk.tudelft.nl/> - e apresentação de Alexandra den Heijer, professora associada da F.A. da TU Delft, a 27 de Março de 2014 no Instituto Superior Técnico - <https://managingtheuniversitycampus.files.wordpress.com/2011/03/june-6-2014-adh-campus-of-the-future-bk-city-group-rod-mcallister.pdf>.

Originalmente a Faculty of Architecture da TU Delft instalava-se num edifício de 13 andares dos anos 70 com quarenta e dois mil metros quadrados, de estrutura de coluna vertical de betão armado e malha de aço, quando a 13 de Maio de 2008 um fogo originado numa máquina de venda de café no sexto andar rapidamente ascendeu aos pisos superiores e conduziu ao seu colapso. Três mil e trezentos alunos e oitocentos funcionários ficaram sem local de trabalho de um dia para o outro.

Este acidente conduziu a uma rápida intervenção da comunidade académica de forma a evitar o bloqueio da sua actividade e o desagregar das suas relações sociais com o choque do evento. Pelo contrário, uma extraordinária capacidade de trabalho de equipa tornou possível montar um acampamento com estruturas temporárias no campus em três dias, local onde decorreram as funções básicas da Faculdade nos meses seguintes, e um ano depois o novo edifício, industrial a norte do campus, não só já tinha sido selecionado (demorou dez dias após o acidente) como projectado e intervencionado para receber toda a actividade académica em plenitude de funções, tendo durado nos primeiros seis meses a renovação dos seus trinta e dois mil metros quadrados e nos últimos seis o acréscimo de quatro mil metros quadrados.

O alinhamento das fases de intervenção revelou uma ideia semelhante ao planeamento de uma cidade e não tanto de um edifício. Tendo em conta as características mais horizontais, de maior proximidade com a escala humana e de partilhar a memória mais antiga da cidade, mas ao mesmo tempo ter menos dez mil metros quadrados, os objectivos propostos foram: desenho de um edifício comunitário, suporte mais eficiente da educação, investigação e gestão, criação do espaço de encontro, estimulação de interações sociais e intelectuais, criação de espaços de utilização flexível e aposta na sustentabilidade.

Com um “três em um” minora-se o decréscimo de área disponível pela qualidade espacial com áreas e equipamentos flexíveis, pela qualidade de um espaço que é património cultural da cidade e pela qualidade de vida no campus e na cidade, que se aproximam e têm aqui um equipamento de uso comum.



Figura 27 - Fotografia da entrada principal orientada a norte

O conceito aplicado a esta Faculdade acaba por, em parte, ser seguimento das ideias da professora associada Alexandra den Heijer, que também trabalhou de perto na sua concepção. Explica que genericamente na Europa as Faculdades começaram a sair dos centros das cidades quando se deu o crescimento exponencial de estudantes e mais área era necessária. O passo seguinte foi começar a agrupar as Faculdades umas com as outras, montando núcleos académicos com expressão urbana relevante, mas numa lógica de cidade dentro da cidade. O futuro será, tendo em conta que as próprias cidades acabaram por crescer e chegar à fronteira de muitos destes núcleos, que eles se integrem e que o campus seja não uma cidade dentro da cidade, com equipamentos dedicados ao seu uso, mas sim uma cidade partilhada que se abre à comunidade e que comunga de espaço público.

A ideia de partilha não estagna na escala urbana, atinge o desenho dos espaços de circulação com uma rua principal pública que rasga transversalmente os braços do edifício perpendicularmente à entrada principal ou ruas secundárias com bolsas informais de estar ou trabalho, afecta a aposta em grandes espaços abertos e inclusive nos espaços de estúdio que, tendo menos área por aluno, funcionam com atribuição de mesas a grupos de trabalho mediante calendarização cuidada.



Figura 28 - Fotografia aérea da Faculty of Architecture (BK City)

6.5 Paralelismo

Nos quatro casos apresentados note-se que, tendo todos eles desafios e épocas distintas, comungam na atitude de colocar referências do espaço urbano nos edifícios de função de ensino: a similaridade com o “casario” do Porto, a rua “onde todos se encontram”, a avenida verde central ou a abundância de áreas partilhadas. Este ponto comum conduz à conclusão de que a máxima intemporal num projecto de intervenção de uma Faculdade de Arquitectura é o enaltecimento da referência urbana pela experiência comunitária.

7 Hipótese

7.1 Geral

- Evitar qualquer demolição em troca de um exercício inclusivo, incubador.

7.2 Alto da Ajuda

- Revitalizar a nível urbano os pontos turísticos do Alto da Ajuda – Palácio Nacional da Ajuda e Geomonumento – de forma a potenciar o futuro do comércio local;
- Aproveitar a presença de um Polo Universitário e do Parque Nacional de Monsanto para interligar de forma mais eficiente os bairros e os pontos turísticos através de melhor acessibilidade pedonal e viária, espaços de pertença comum, comércio e habitação.

7.3 Polo Universitário da Ajuda

- Marcar o centro de origem da nova ordem do Polo;
- Escalonar todos os edifícios propostos consoante a proximidade de volumetria distintas, para uma metamorfose formal;
- Planear Residências Universitárias cuja presença física seja inclusiva para com os edifícios de habitação social vizinhos;
- Capacitar o Polo de um edifício comum da Universidade que sirva de plataforma profissional, espaço de investigação multidisciplinar e de acção social;
- Desenhar traçados de circulação internos que valorizem o peão sobre o veículo;
- Apostar num espaço público activo, seja por meio de actividades agrícolas, académicas, comunitárias ou comerciais;

7.4 Faculdade de Arquitectura

- Deixar que os edifícios da extensão da Faculdade se influenciem pelos alinhamentos e ordens vizinhas, internas e externas;
- Criar um elemento de ligação entre os edifícios novos e mantidos para que estes possam ser independentes mas de acesso comum;

- Colocar o novo auditório, assim como espaços comerciais, com duplo acesso interno e externo de forma a poderem servir não só a comunidade académica da Faculdade mas como o espaço público;
- Dar acesso a um amplo espaço de trabalho 24 pela frente do Polo, mais iluminado, acessível e controlável;
- Aumentar o espaço de investigação da Faculdade para que se adeque à estratégia de crescimento que tem tomado e que contribui para a sua projecção nacional e internacional;
- Possibilitar a existência de uma biblioteca com área silenciosa e não-silenciosa geograficamente centrada;
- Relocalizar os gabinetes dos professores num só edifício com espaços de reuniões e de orientação;
- Aproveitar uma diferença entre a arquitectura existente e proposta, explorando a experiência espacial variada consoante os níveis ou disciplinas de estudo e a maior proximidade temporal ao Ensino Secundário ou à profissão.

8 Descrição da proposta

8.1 Alto da Ajuda

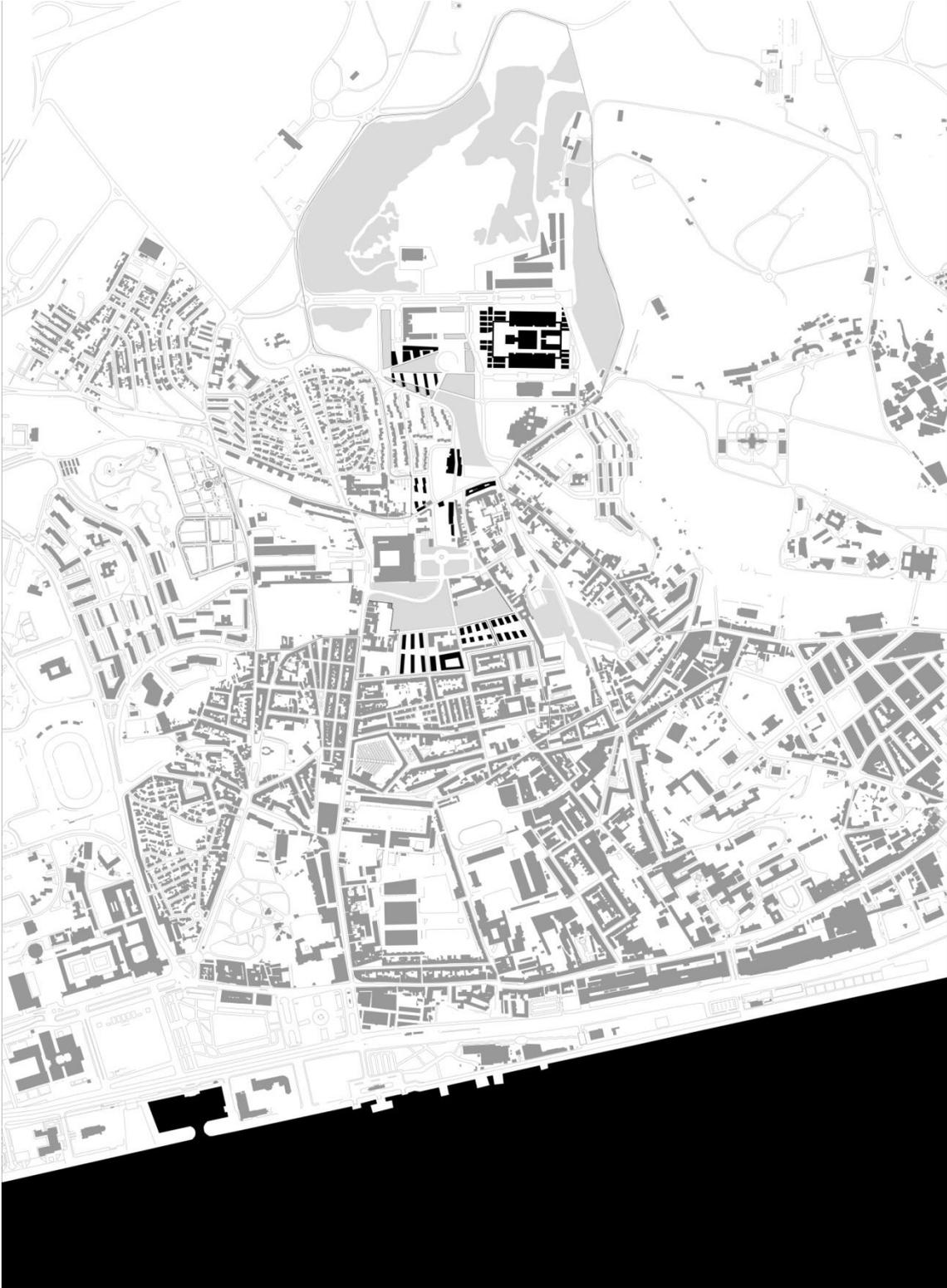


Figura 29- Planta de intervenção no Alto da Ajuda

Os problemas mais imediatos que a proposta visa reduzir significativamente são a avançada idade média da população residente, os vazios urbanos, considerados espaços de características urbanas indefinidas, a incapacidade de comércio local e dos espaços culturais e turísticos corresponderem ao seu potencial de forma coordenada, a carência de espaços públicos de lazer ou de ocupação diária e de um centro de cuidados de saúde mais amplo e funcional.

O conjunto destes problemas diminui o poder de compra, limita a amplitude etária do público consumidor, o interesse cultural e turístico mais amplo e a consequente probabilidade de investimento imobiliário.

Ancorando o comércio ao turismo propõe-se:

- Reabilitação da Quinta do Seminário para a instalação de um Posto de Turismo dedicado ao Alto da Ajuda, na parte norte, e de um Museu sobre a obra do escritor Alexandre Herculano, que aí viveu enquanto ocupou o cargo de bibliotecário da Ajuda entre 1839 e 1877, na parte sul;



Figura 30 - Fotografia aérea da Quinta do Seminário

- A norte da Quinta do Seminário abre-se um percurso de acesso ao Geomonumento do Rio Seco que enaltece a centralidade da localização do Posto de Turismo com o Palácio Nacional da Ajuda e o Jardim Botânico, criando uma área alargada e coordenada de oferta turística;



Figura 31 - Fotografia aérea do Geomonumento do Rio Seco

- Reabilitação da praça da Torre do Galo com o aproveitamento do edificado existente para uma praça comercial que actue para o interior do edificado existente como mercado e externamente como comércio de rua e esplanada, tirando partido da sua tangência com a área turística definida.



Figura 32 - Fotografia aérea da Praça da Torre do Galo

Como apoio à população:

- Reabilitação da Quinta do Armador para instalação da “Casa da Comunidade” com Refeitório, Universidade Sénior e espaço de Actividades de Tempos Livres (ATL);



Figura 33 - Fotografia aérea da Quinta do Armador

- Formatação do vale do Rio Seco paralelo ao Bairro 2 de Maio para exploração agrícola para a comunidade com estruturas de apoio à actividade localizadas a sul – arrumos, garagens, balneários e tanques de recolha de águas fluviais para uso comum, a funcionar sob gerência da “Casa da Comunidade”, ganhando a Universidade Sénior mais uma disciplina;



Figura 34 - Fotografia aérea do vale agrícola do Rio Seco

- Reabilitação do Pátio das Damas como Posto de Atendimento ao Cidadão e transferência do Centro de Prestação de Serviços de Saúde, actualmente a decorrer num edifício de habitação, para um novo edifício, desenhado para o efeito, a sul com melhor acessibilidade, nomeadamente por eléctrico ou para eventuais emergências médicas, com máximo de dois pisos.



Figura 35 - Fotografia aérea do Pátio das Damas

Entende-se que este conjunto de infra-estruturas, externamente, nivela a dimensão cultural do Alto da Ajuda com os principais polos turísticos de Lisboa e, internamente, aumenta a saúde física e mental da população residente com a garantia de atendimento adequado e espaços de lazer e ocupação que favoreçam uma aprendizagem ao longo da vida.

Garantido este estado, prevê-se que o interesse do mercado imobiliário aumente, partindo então para a fase de investimento na habitação com foco principal em habitação para arrendamento e residências universitárias fora do Polo Universitário da Ajuda:

- A sul do Palácio Nacional da Ajuda e a poente do Centro de Prestação de Serviços de Saúde proposto, seis edifícios formando dois blocos habitacionais em forma “U” e duas novas ruas que compõem um circuito viário fechado;
- A sul da Quinta dos Seminários uma nova via na extensão da anteriormente referida, outros dois blocos habitacionais de seis edifícios em “U” e no canto sudeste uma área comercial;
- A sul do Bairro 2 de Maio cinco blocos habitacionais cuja volumetria representa metaforicamente a “origem” do seu desenho urbano e volumetria.

Todos os pisos térreos dos edifícios de habitação propostos têm espaços comerciais nas frentes de rua.

8.2 Polo Universitário da Ajuda

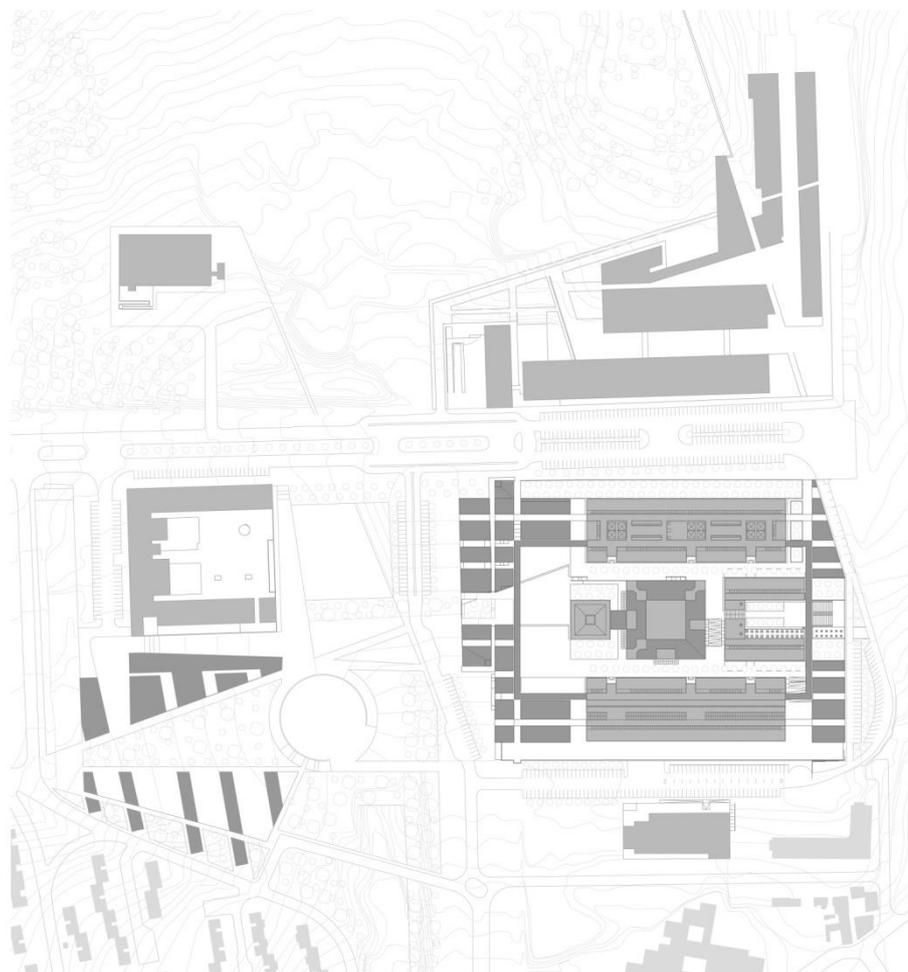


Figura 36 - Planta do Polo Universitário da Ajuda

Os problemas mais imediatos que a proposta visa reduzir significativamente são a independência funcional e formal dos edifícios existentes, a definição urbana incompleta, a inexistência de residências universitárias e de espaços de pertença comum de trabalho, pesquisa, investigação e iniciação profissional.

O conjunto destes problemas reduz o significado de Polo, como lugar académico, à proximidade geográfica de estruturas de ensino universitário, desaproveita a multidisciplinariedade que pode suscitar interesse e cooperação entre áreas distintas com resultados inovadores, afasta a comunidade académica da realidade imediata que a envolve e que pode ser espaço de prática e partilha de conhecimentos adquiridos, redução do tempo médio de permanência da comunidade com efeitos mais imediatos na economia local e na disponibilidade para actividades extracurriculares de investigação, envolvimento com a comunidade ou outras.

Para a unificação do traçado urbano do Polo propõe-se:

- Definição do seu centro com uma praça exterior circular, origem da qual partem as linhas mestras que agarram de norte a sul e de nascente a poente os edifícios existentes e propostos com vias pedonais em cujas extremidades se encontram os

bairros vizinhos e o Parque Florestal de Monsanto, e cuja utilidade está em ser “o” palco de eventos académicos ou culturais, como concertos e exposições, que enaltecem a união da comunidade académica entre si e com a população da Ajuda, conferindo-lhe uma dimensão social que não só é benéfica internamente mas que a torna muito mais atraente internacionalmente;

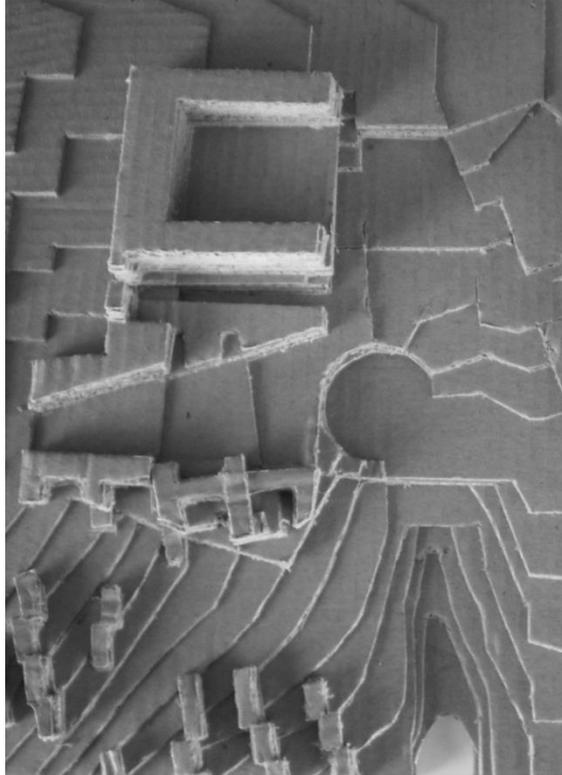


Figura 37 - Fotografia de maquete de estudo: ISCSP, Incubadora, Residências, Bairro 2 de Maio

Como atitude inclusiva para a dissipação das fronteiras do Polo propõe-se:

- Um modelo transitório de circulação interna intermédio entre a aleatoriedade dos percursos e relevos naturais do Parque Florestal de Monsanto e a densidade urbana das ruas estreitas dos bairros que se define em corredores de circulação ao longo de duas avenidas verdes que culminam na praça “origem” mas que respeitam a configuração natural existente;
- Outro modelo transitório, agora formal, que interpreta a fachada sul do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas e os edifícios de habitação a norte no Bairro 2 de Maio como duas pontas soltas de uma mesma linguagem à qual falta informação, colocando aí residências universitárias e uma Incubadora;



Figura 38 - Fotografia de detalhe de maquete de estudo sobre transição volumétrica ISCSP - Incubadora

Residências Universitárias:

- Localizadas imediatamente a norte do Bairro 2 de Maio, os edifícios propostos são a continuidade formal do existente em cinco blocos limitados pela avenida criada a norte;
- A população alvo é a academia nacional da Universidade de Lisboa ou em Mobilidade Internacional pela mesma, equipas de investigação ou iniciação profissional da Incubadora do Polo e quaisquer grupos de trabalho ou intercâmbio que trabalhem com as Faculdades, tornando assim o modelo de habitação flexível para cada um destes casos: apartamentos de renovação de aluguer semestral (segundo o ano académico) com média de uma casa de banho, cozinha e três quartos, apartamentos T0 e T1 de permanência mais prolongada, por exemplo, em associação com a extensão de um contrato para incubação, e uma área reservada a quartos de aluguer diário individuais e partilhados;
- Espaços comerciais e pontos de entrada independentes a cada bloco abrem para sul, na direcção do bairro, e para a praça a norte. Nos pisos térreos localizam-se salas comuns, lavandarias e arrumos.
- A acessibilidade viária é garantida pela Rua Professor Cid dos Santos.

Incubadora do Polo:

- Localizada imediatamente a sul do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, a função formal no conjunto é o encerramento da lógica linear vinda do Bairro 2 de

Maio com o seu desenho em negativo no volume, abrindo praças interiores que melhoram a iluminação natural e ventilação de espaços de trabalho maioritariamente amplos;

- Encerra a Rua Almerindo Lessa, por onde é garantido o acesso viário ao estacionamento interior e o acesso pedonal à entrada nobre;
- O modelo principal seria a incubação de equipas ou indivíduos em fim de curso ou em iniciação profissional, com prioridade a equipas multidisciplinares, que acederiam ao aluguer de áreas de trabalho por candidatura e que teriam uma equipa monitora que avaliaria as ideias propostas e ajudaria nos processos de organização de trabalho e acesso ao mercado;
- Com o intuito de receber equipas de investigação nacionais e internacionais, a Incubadora disponibilizaria salas de reunião e trabalho.
- Haveria um espaço de acesso público para a comunidade académica onde se poderia estudar ou trabalhar envolvido no espírito da criatividade e inovação que a Incubadora promove;
- Estaria ainda equipada com um auditório no qual se poderiam realizar conferências do tipo “TEDx” ou outras;

Impacto social das Residências Universitárias e da Incubadora:

- Reserva de um departamento na Incubadora para voluntariado, nomeadamente com actividades de ocupação extracurricular para a comunidade da Ajuda – oficinas, workshops de iniciação criativa ou outros, com salas no piso térreo a abrir para a praça a sul, cujos voluntários seriam os próprios “incubados” que teriam um desconto no aluguer do seu espaço de trabalho proporcional às horas despendidas nessas actividades;
- Definição de acesso prioritário à habitação em caso de frequência da Incubadora e respectivo desconto percentual na renda por número de horas semanais em voluntariado nesta;
- Cooperação para troca de experiências entre Incubadora e a “Casa da Comunidade”, mais precisamente com a Universidade Sénior, para que haja acesso ao conhecimento de gerações anteriores, como o trabalho desenvolvido na terra do vale do Rio Seco imediatamente a sul da praça do Polo, e a população residente se sinta valorizada, interessada e envolvida nas novas ideias que definem o mundo actual em vez de se afastarem dele.

Como reforço para o equipamento desportivo propõe-se:

- A nascente do Centro de Actividade Física e Recreação do Polo uma praça de referência para os percursos pedonais com um piso térreo de balneários e arrumos individuais, tornando possível o aluguer destes por parte da comunidade académica para a prática de desporto ao ar livre sem comprometer o controlo da circulação interna do Centro, que os geriria;

- Que este seja o ponto que assinala o início de um desenho de traçado urbano que se vai tornando complexo e afastando da aleatoriedade dos traçados naturais, envolvendo o edifício do Centro de Actividade Física e Recreação na linguagem global apresentada.

8.3 Faculdade de Arquitectura

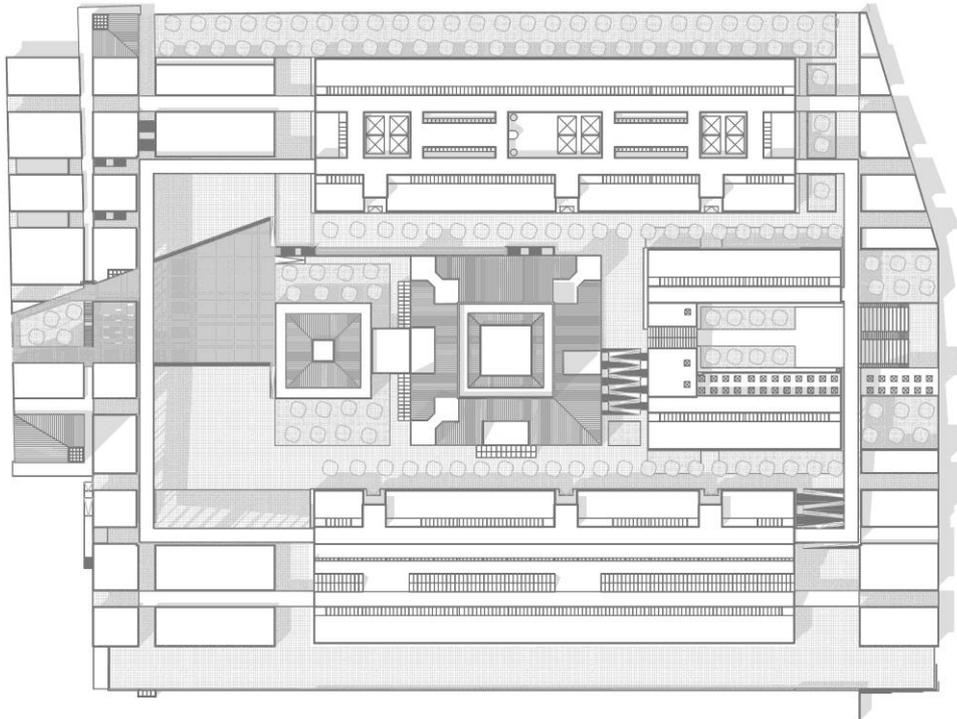


Figura 39 - Planta de Cobertura da Faculdade de Arquitectura

A seguinte descrição do projecto da Faculdade de Arquitectura, que se segue a ideia para o Alto da Ajuda e o plano do Polo Universitário apresentados, está dividida em interpretação do edificado existente, limitação dos dois tipos de intervenção – reabilitação e criação – com o sistema de circulação, proposta poente, proposta nascente, coordenação de conjunto, estrutura e materiais.

Interpretação do edificado existente

Hoje os cinco edifícios funcionam independentemente e só comunicam em termos de linguagem arquitectónica. No essencial, dois deles, o quatro e o seis, são dedicados à componente lectiva teórica e prática, o edifício dois tem a função administrativa, o três de conferências e de pesquisa física e digital e o cinco de doutoramento e investigação.

Abordando detalhadamente os edifícios de função lectiva, começando pelo quatro, considera-se que os principais problemas são a circulação interna que penetra os limites das salas de aula, quer horizontal ou verticalmente, onde se localiza os arrumos individuais, a falta de qualidade visual e sonora dos auditórios, a falta de garantias de acessibilidade para mobilidade condicionada e a localização de gabinetes em áreas que segundo o programa de arquitectura inicial estavam concebidas para os alunos.

Daí resulta especialmente que a atenção e controlo de qualidade da aula são seriamente afectados tanto nas salas como nos auditórios, e ainda um reforço físico da hierarquia entre os alunos e os professores pela posição de controlo em que se encontram os gabinetes sobre as salas, não contribuindo para a transição, particular no ensino superior, do papel de professor autoritário para orientador de referência e criando uma barreira que é oposta à ideia de aproximação da realidade da disciplina.

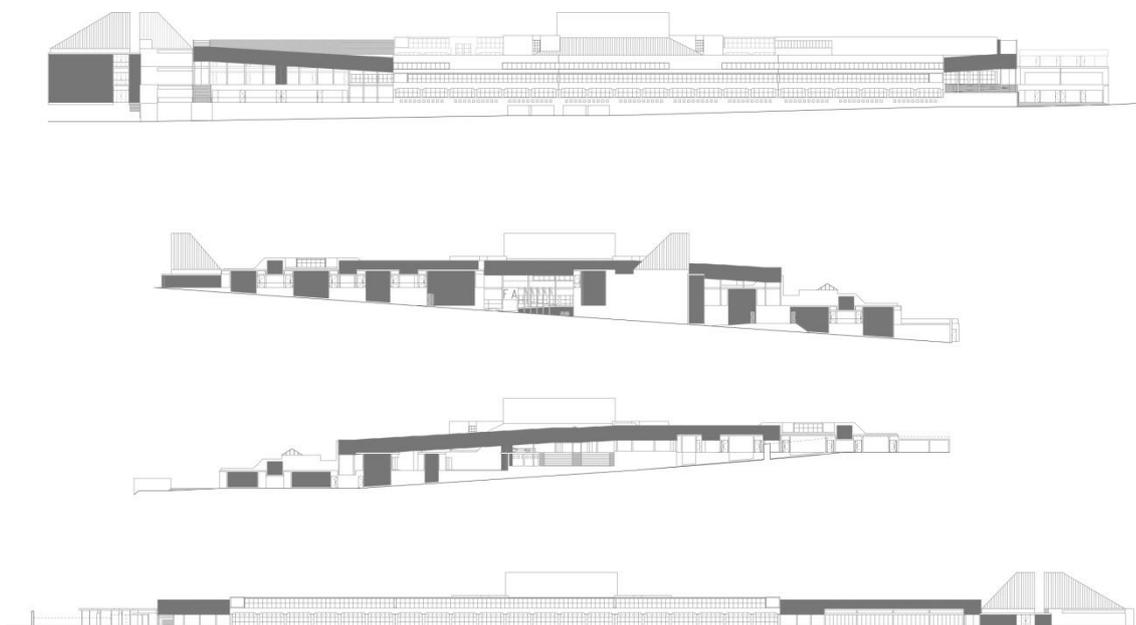


Figura 40 - Alçados sul, ponte, nascente e norte da Faculdade de Arquitectura

Propõe-se:

- Separação do sistema de circulação interna relativamente às salas de aula, criando um circuito que distribui para os acessos às salas e auditórios em corredores que se encontram nos átrios principais e com bolsas de acesso vertical pelas existentes escadas em caracol;
- Eliminação dos gabinetes dos pisos superiores, limitação do espaço aos elementos essenciais de estrutura, escadas e vãos e abertura de corredores superiores de circulação nos quais se encontram arrumos individuais, espaços de estar, acessos superiores aos auditórios, longas mesas de trabalho comuns e abertura a nascente e ponte para alargamento da acessibilidade geral da Faculdade;
- Comunicação do circuito superior de circulação nas zonas dos átrios principais com passagens superiores que visualmente desvendam o novo sistema imediatamente à entrada do edifício.

- Instalação de um elevador no centro do edifício;
- Colocação de bancadas nos auditórios com acesso inferior e superior;
- Aproveitamento do espaço sob as bancadas para áreas de arrumos de materiais para reciclagem ou reaproveitamento abertas a todos os alunos.

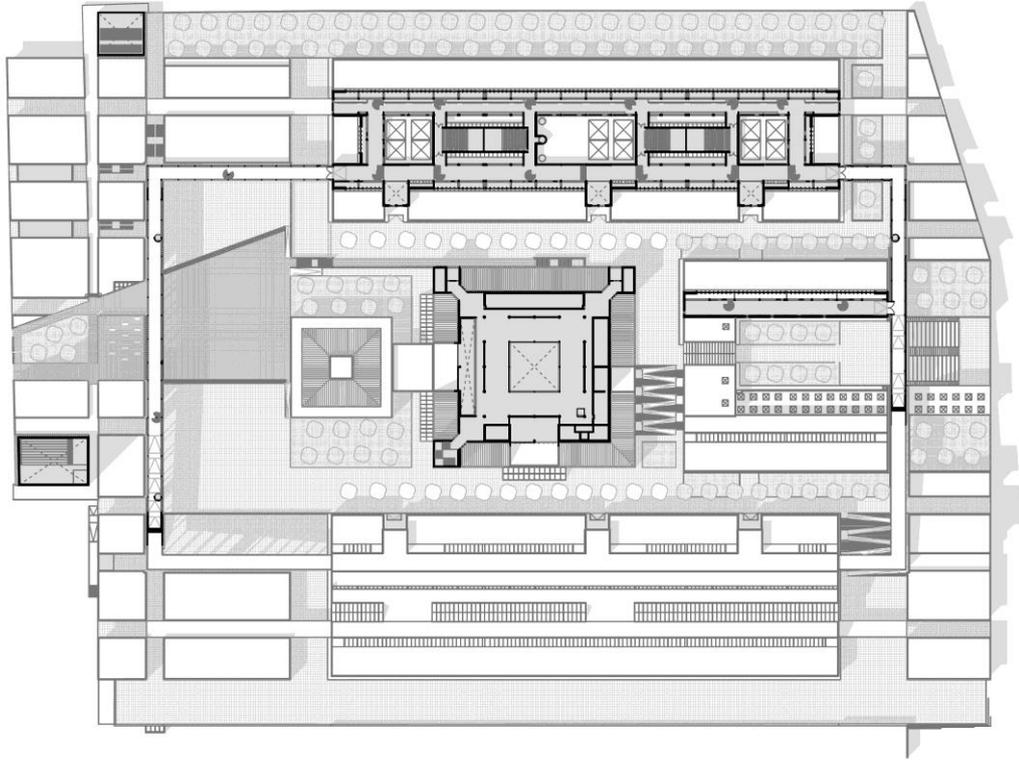


Figura 41 - Planta do piso 2 da Faculdade de Arquitectura

Para o edifício seis os problemas das salas de aula são muito semelhantes e foram resolvidos com o mesmo sistema. Acrescem no entanto outras situações, como a dedicação de uma das naves a um espaço oficial que beneficia especialmente o curso de Design de forma incoerente porque o curso de Design de Moda não tem a mesma atenção quando existe outra nave de semelhante dimensão ou o uso de um espaço de aula para a localização do bar num canto da Faculdade.

A imagem da Faculdade deve muito à qualidade do corpo docente, mas a distribuição espacial diz muito da hierarquia ou equidade com que lida com os diferentes cursos. Acontece que a multidisciplinariedade de que a Faculdade se deve orgulhar deve ser reflectida nessa distribuição espacial de forma equitativa e a desvalorização de Moda comparando com Design enfraquece essa perspectiva. Por regra de coerência a localização do bar num módulo de sala acaba também por desvalorizar esse momento imprescindível para o funcionamento regular da instituição.

As soluções apresentadas são:

- Individualização do acesso às salas de aula com circulação interna independente;

- Deslocalização dos gabinetes e departamentos em detrimento de corredores de circulação, espaços de arrumos individuais, áreas de estar e longas mesas de trabalho comuns;

- À semelhança do edifício quatro, a comunicação dos corredores dos pisos superiores nos átrios de entrada é feita por plataformas aéreas, nos seus pontos nascente e poente a circulação extravasa os limites do edifício para a acessibilidade geral da Faculdade, e a meio é instalado um elevador;

- Deslocalização dos espaços comerciais em detrimento de espaços de aula no caso do bar e para a instalação na nave central da oficina dedicada ao têxtil, em contraponto com a permanência da nave nascente como oficina dedicada à cerâmica e madeira. Desta forma ambas podem servir toda a comunidade académica, mas em especial os cursos de Design e Moda;

- Alargamento do espaço de estacionamento e deslocalização do “espaço 24” no piso base.

Partindo agora para o edifício três, conhecido como “Cubo”, entendeu-se que a grande mais-valia a preservar e melhorar seria a biblioteca. À parte desse ponto, o espaço auditório não apresenta condições para receber conferências que habitualmente são do interesse de muito mais pessoas do que as que aí conseguem estar. Os espaços do piso térreo do Centro de Informática têm uma organização confusa e a entrada norte não é aproveitada para comunicar internamente com os acessos a sul.

O resultado é um edifício icónico, tanto pela sua forma como pela sua localização, com potencial espacial interno por explorar, especialmente na organização do piso térreo e pelo pé direito que pode rasgar o edifício.

Paralelamente o edifício dois partilha uma posição central que o torna um corpo menor mas de continuidade no conjunto. Aí decorrem hoje as actividades administrativas da Faculdade, o que torna a sua função incompatível com uma hipotética comunicação interna com o “Cubo”.

Abordando os edifícios dois e três como um, propõe-se uma revisão da organização mantendo apenas a estrutura base da seguinte forma:

- Deslocalização das actividades administrativas do edifício dois em detrimento da extensão do espaço da biblioteca no piso inferior, criando um corredor intermédio que separa uma área de consulta onde se pode trabalhar, falar e requisitar livros e documentos, e na qual se localiza a entrada principal que abre a poente para a praça da Faculdade, e outra de consulta silenciosa e onde se encontram os postos de consulta de documentos não-requisitáveis, cuja área de pessoal inclui salas para tratamento e recuperação de documentos e arquivo;

- Abertura de um corredor no piso inferior do edifício três que torne directa a comunicação entre a entrada norte e sul do edifício;

- Deslocalização da sala dos professores para a abertura de um momento de recepção e posto de informação;

- Manutenção do Centro de Informática no piso térreo a este com salas de igual dimensão e com gabinetes de gestão a norte com comunicação com o exterior por um corredor com acesso lateral pela praça da Faculdade;
- No piso superior do edifício três aproveitar a abertura do “canhão de luz” para a instalação do espaço nobre de exposição da Faculdade.

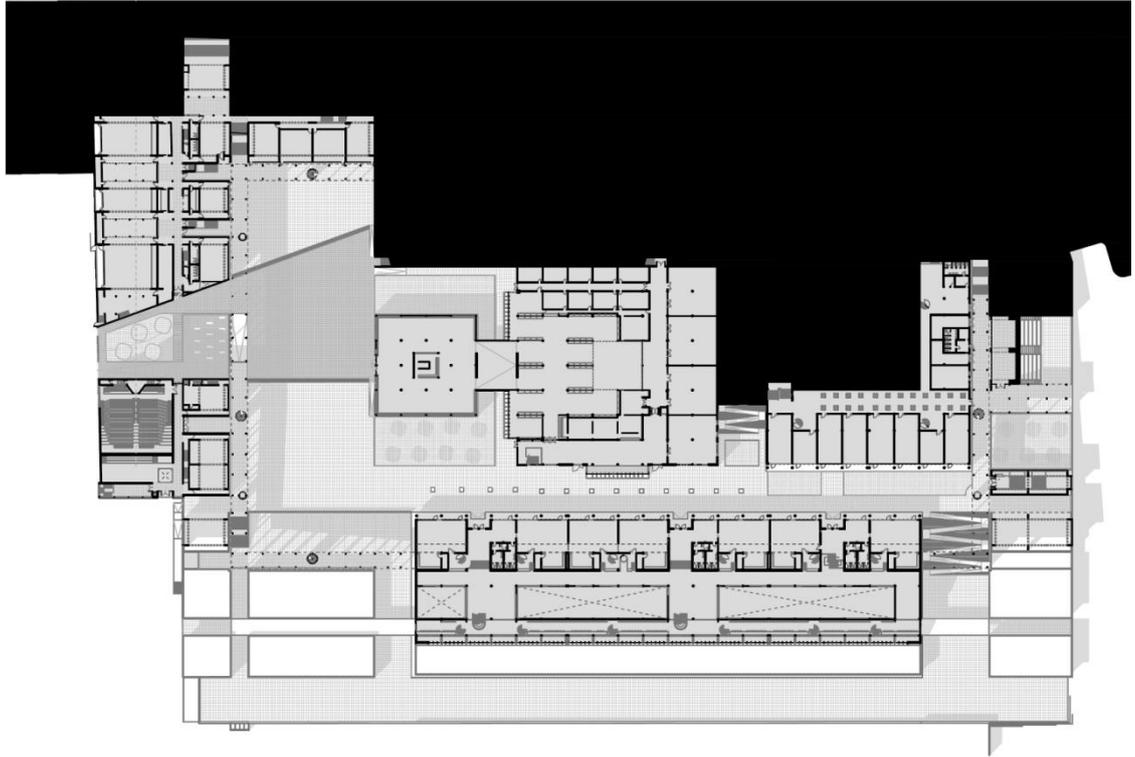


Figura 42 - Planta do piso 0 da Faculdade de Arquitectura

Por fim o edifício cinco, hoje de mestrados, doutoramentos e investigação, apesar ser aquele que é mais organizado na circulação e salas, inclui as salas do curso de Moda com uma sala de produção improvisada no piso inferior que, como já foi dito na descrição do edifício seis, é deslocada para lá. No entanto os seus pontos positivos não são aproveitados e muitas vezes salas encontram-se desocupadas.

No geral existe algum consenso sobre o quão nobre é o edifício cinco apesar de se localizar longe da entrada principal e atrás do maior e mais icónico edifício da Faculdade. Talvez explicação esteja na sua frequência menos afluente, o facto de ser o espaço onde se discutem matérias mais avançadas do que a média, onde se irá um dia fazer uma apresentação que encerrará um ciclo e iniciará outro, ou na pequena praça que abriga uma vista impressionante para a Tapada da Ajuda, ponte 25 de Abril e Tejo.

Considerou-se neste exercício que este espaço seria melhor aproveitado se nele se desse uma actividade única que o preenchesse mais regularmente mas que não deixasse de ter uma perspectiva de utilização ocasional para os alunos:

- Transformação dos espaços de sala para gabinetes colectivos para os professores no piso intermédio e inferior;

- Deslocalização dos gabinetes do piso superior e intermédio sul com a colocação de mesas para servir de espaço de orientação individual;
- Abertura de um corredor do piso inferior sul para norte para uma sala colectiva com cozinha e arrumos exclusiva, onde actualmente decorrem os ensaios da “Arquitectura”;
- Definição da sala do piso intermédio do edifício sul como sala de reuniões.

Limitação dos dois tipos de intervenção

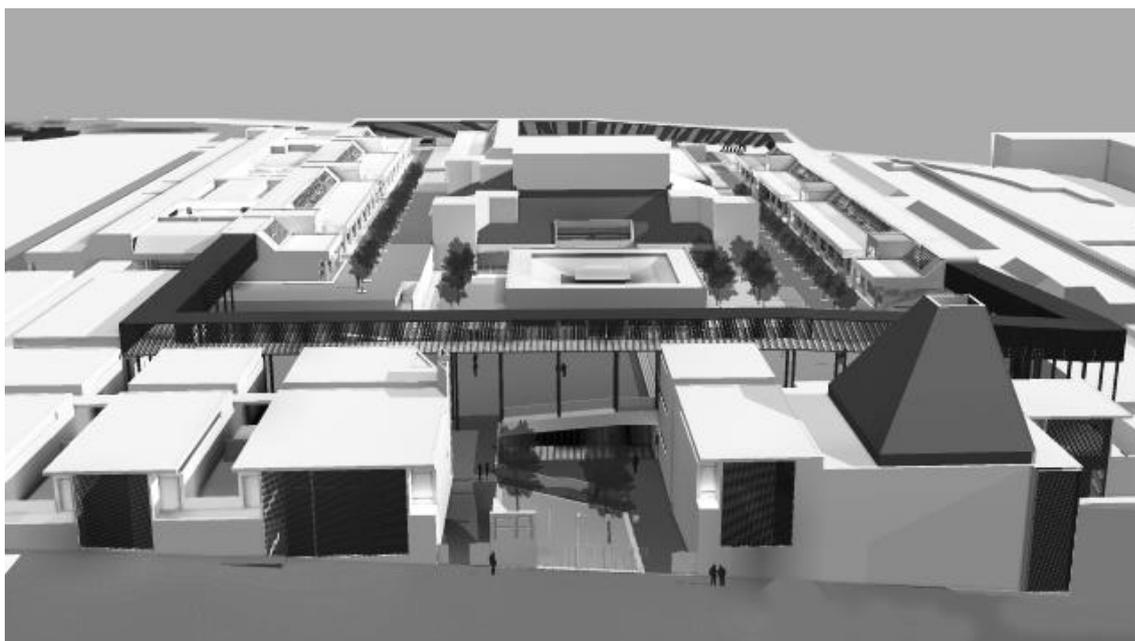


Figura 43 - Modelo tridimensional de estudo da Faculdade de Arquitectura

Após a reordenação do espaço interior muitos espaços foram deslocados e ficaram pendentes – administração e gabinete de mobilidades, bar, departamentos de investigação, doutoramento, áreas comerciais, “espaço 24”, espaço da “Arquitectura” e Associação de Estudantes. Por outro lado considera-se que se tornaram os edifícios existentes da Faculdade mais adequados às necessidades da comunidade académica especialmente atendendo à sobrelotação do espaço, ao provável número crescente de alunos e à ambição de uma imagem de nível internacional.

Neste ponto encarou-se a possibilidade não só de refazer os limites da Faculdade com os espaços em falta mas de o fazer segundo o conceito apresentado ao longo de todo o trabalho de fases de incubação. Fases que se vão mutando e que transportam os utilizadores de um ambiente para outro mais perto da realidade, variado, multifuncional, partilhado e receptivo à troca de experiências. Estabelecem-se dois níveis, dois ciclos, duas fases de intervenção: a reabilitação do edificado existente, manutenção de uma memória à qual estarão associadas a frequência de cursos de Licenciatura, do espaço icónico de onde se absorvem as palavras dos livros, as técnicas digitais e os desenhos dos mapas e do espaço em que a experiência de profissionais era colocada ao dispor do saber dos alunos, memória que se sobrepõe à

do ensino secundário como uma camada de memórias de um percurso estudantil individual, e a proposta de novo edificado, espaço de novas memórias de associação à experiência profissional futura, como um ponto de partida apontado à extravasão dos limites da Faculdade, do Polo e da cidade (em contraposição com a concentração e acolhimento do existente).

Para unir o conjunto das duas memórias recorreu-se à definição de uma barreira física natural, porque a transição e o progresso são processos naturais. Ligando um corredor interior superior criado no edifício quatro com outro semelhante no edifício seis a nascente e a poente por um volume de distribuição auto-sustentado estruturalmente cria-se um ciclo de fechado cujas variações de cota são vencidas por rampa e garante-se a unidade de um todo de duas faces com um momento de transição linear independente.

Regra: para o interior do elemento de transição está a fase de reabilitação onde as únicas intervenções exteriores aos edifícios existentes são de arranjo exterior e materialidade, e para o exterior deste está a fase de construção nova onde a liberdade volumétrica é limitada pelos alinhamentos com os edifícios existentes não só da Faculdade como de todos componentes do Polo.

Proposta a poente



Figura 44 – Detalhe de estudo da entrada principal da Faculdade de Arquitectura

A face da Faculdade para o Polo é rica em referências de alinhamentos e volumetrias para com os vários elementos componentes do Polo que afirmam o interesse na partilha do espaço comum e fazem um convite aberto à experiência espacial da própria Faculdade.

Dois volumes mais salientes cotados à mesma altura do edifício três trazem a interpretação da sua volumetria de planos inclinados, revestem-se da mesma expressão e assinalam as duas entradas de distribuição para a Faculdade. Os seus limites em planta, a norte, são o alinhamento com a largura do volume poente da Faculdade de Veterinária e com a largura do braço norte do volume em “U” do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, e a sul, o “espelho invertido” dessa imagem

centrado com a abertura da praça entre a Incubadora e as Residências Universitárias. Já a entrada principal é aberta e representa-se pela interrupção dos volumes “imposta” pelo alinhamento da fachada norte-interior do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas e da fachada sul da Incubadora. Momento de contacto com o exterior, não só os alinhamentos externos influenciam os volumes como a própria materialidade da via pedonal pública, em calçada, que rompe o espaço e alcança a entrada principal da biblioteca. Estrategicamente posicionado, o bar aproveita o negativo dos volumes criados na entrada exterior para criar uma praça de esplanada por que todos passam mas que nunca interrompe os percursos de passagem e aproveita iluminação no espaço interior pela fachada e por uma clarabóia triangular que rasga a nave que o sobrepõe.

A norte da entrada principal e a sul da “chaminé” (alusão a fábrica, incubadora, produção) propõe-se uma sucessão de quatro naves de trabalho assentes num espaço amplo com o qual comunicam verticalmente. A largura total das quatro naves é igual à largura da praça exterior do Instituto Superior, tratando-se de um negativo em planta. Altimetricamente tanto estes como todos os volumes propostos respeitam a regra de pisos de quatro em quatro metros com vãos longos a três metros de altura excepto quando são interrompidos por limites exteriores da Faculdade, criando uma fachada com um ripado vertical que permite a luz passar com menos intensidade, ou interiores, com vãos de vidro com sombreamento. Cada nave dispõe de uma área de arrumos comum e duas salas. Comunicam verticalmente por escada ou elevador, havendo “intermitentemente” instalações sanitárias e salas de corte (para maquetes) em cada piso. O espaço amplo inferior pode ser fechado e controlado independentemente, funcionando com horário independente com acesso exclusivo pelo exterior, capacitando assim a Faculdade de um “24” operacional e com cozinha, arrumos, instalações sanitárias e iluminação natural pela fachada e cobertura.

Entre este corpo e o edifício quatro propõe-se doze salas planas que tanto podem servir as aulas teóricas que hoje decorrem muitas vezes em salas de Projecto, como workshops ou outras actividades que decorram fora do plano curricular.

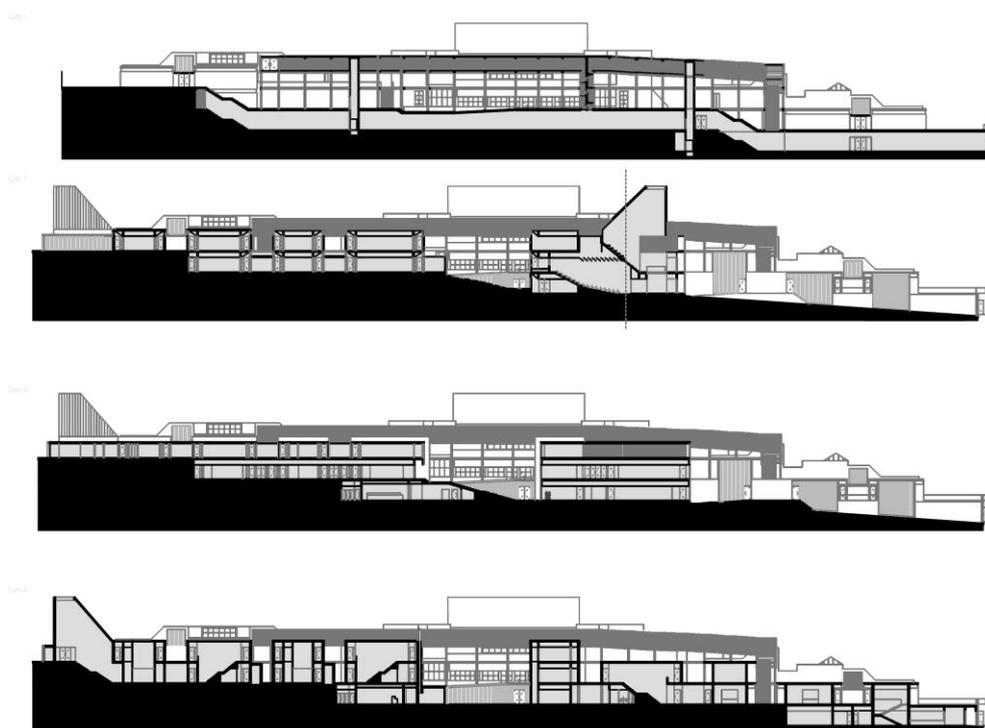


Figura 45 - Cortes transversais (poente)

Imediatamente a sul da entrada principal encontra-se um volume que inclui auditório formal, auditório informal, área administrativa (gabinetes, secretaria, tesouraria, expediente, gabinete de mobilidades), arquivo geral, zona de exposição e Centro de Prestação de Serviços.

O volume da administração tem três pisos. À cota da praça da Faculdade estão as entradas principais para atendimento à comunidade académica, mas internamente existe comunicação individual para quem aí trabalha. No piso inferior o gabinete de mobilidades posiciona-se perto do corredor de circulação, do bar e da entrada exterior para facilitar a sua localização, a par do espaço expositivo da Faculdade.

Rasgando a regra dos volumes encontram-se os dois auditórios. O primeiro é formal porque é desenhado com as regras de proporcionalidade para permitir uma eficiente comunicação visual e acústica, tendo apenas um vão atrás da bancada na fachada poente. Tem portas de acesso ao nível da rua e ao nível da praça da Faculdade, e sob este localiza-se o Arquivo Geral. O segundo sobrepõe-se a este, aproveitando a grande laje da sua cobertura para criar uma segunda bancada informal num espaço que se abre verticalmente até ao limite da “chaminé”, que o ilumina de forma não controlável. Acede-se pela mesma via na praça mas pela entrada de rua é necessária a escada ou o elevador. Este espaço dedica-se mais a apresentações do tipo “pecha kucha”, apresentações de workshops nacionais ou internacionais e até a apresentações finais de trabalhos de licenciatura, mestrado ou doutoramento, enquanto que o formal a apresentações dos ciclos de conferências que habitualmente se organizam, cerimónias de iniciação do ano lectivo ou outras.

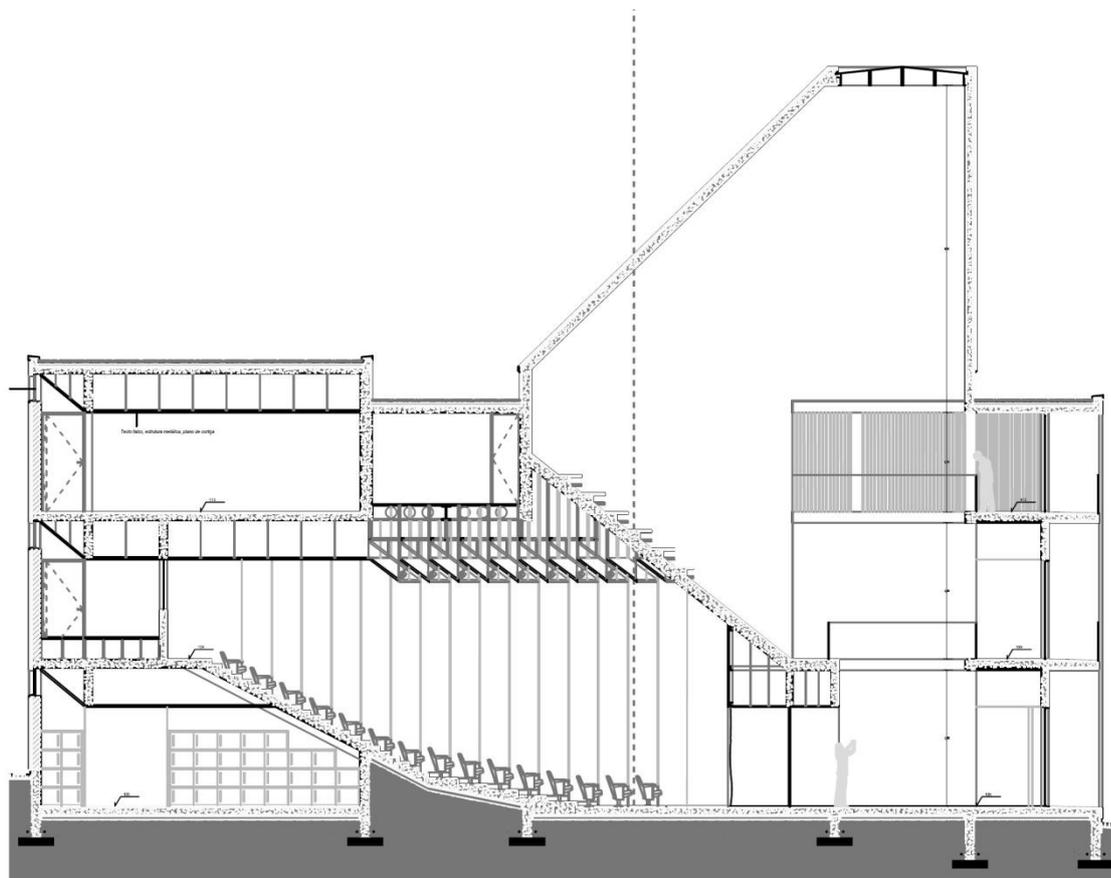


Figura 46 - Detalhe construtivo de secção dos auditórios formal e informal

Continuando para sul sucedem-se três volumes onde estão as áreas comerciais. No piso inferior do primeiro está a livraria, que comunica interiormente com a Faculdade e exteriormente com a rua, dando-lhe a possibilidade de aumentar o volume de público alvo. Sobre esta, ao nível da praça está a continuação da sua estrutura numa área exterior coberta. Aqui a estrutura é propositadamente deixada em “cru”, não só para partilhar a informação do funcionamento estrutural da Faculdade como para criar uma situação nova: pretende-se este momento seja unificador da comunidade académica no sentido em que abre a possibilidade de haver intervenções temporárias aí. Imaginou-se até a possibilidade de anualmente alunos finalistas e iniciantes serem os responsáveis pela instalação sobre essa estrutura consoante um tema, que duraria um ano e que seria desmontada no seu fim, simbolizando assim as partidas e chegadas de alunos e dando-lhes oportunidade de praticarem desde logo influência no espaço que usam. Outra hipótese seria que aí fosse possível ter aulas práticas da disciplina de Materiais, montando paredes, aprendendo técnicas variadas. Momento semelhante e com as mesmas potencialidades é criado entre o volume da livraria e o seguinte a sul (papelaria), sendo que aí o espaço exterior a intervir é uma parede de betão e o pavimento, onde se poderia aprender a colocar soalho, por exemplo.

De seguida a papelaria funciona no mesmo modelo da livraria, com balcão para a Faculdade e outro para atendimento à rua. Sob esta está uma área de arrumos dividida independentemente para ambas. O último volume dos três é semelhante, com acesso para a Faculdade à mesma cota mas com atendimento à rua pela entrada sul

num piso cave, equivalente ao piso da garagem da Faculdade, que se estende até aí. A comunicação vertical é garantida com escadas junto da fachada poente e o espaço inferior é mais amplo para permitir a impressões de grandes dimensões e a colocação de bancada de trabalho central e iluminada.

Entre os volumes da área comercial e o edifício seis estão parte das instalações do Centro de Investigação em Arquitectura, Urbanismo e Design para todos os seus subgrupos, com uma oficina geral de prototipagem e oficinas exteriores para trabalhos com maiores escalas a norte, sob a praça.

À superfície os edifícios a poente parecem, propositadamente, estar dispersos e isolados, mas comunicam subterraneamente no mesmo alinhamento do braço poente do elemento de circulação independente (aéreo), partindo desde a primeira nave a norte, passando, nesta ordem, pelo bar, entrada principal, gabinete de mobilidades, espaço expositivo, livraria, e já num piso inferior, arrumos da livraria e papelaria, reprografia e saída para o exterior, percurso este mais directo para aceder à Unidade Alimentar, a sul da Faculdade de Arquitectura.

Proposta a nascente



Figura 47 - Cortes transversais (nascente)

Com as mesmas regras de alinhamento, cotas de cobertura e vãos, os edifícios da parte nascente tiram partido da proximidade da Tapada da Ajuda e deixam a sua presença influenciar os intervalos dos volumes, tomando como missão a transição desta para o interior da Faculdade.

A norte os três primeiros volumes de igual proporcionalidade e áreas diferentes servem como salas multifuncionais dedicadas para mestrados e doutoramentos de turmas com diferentes dimensões, enquanto que o quarto oferece pequenas salas de orientação ou trabalho.

Mais a sul a largura da praça do edifício cinco, dos professores, é aproveitada para lançar uma bancada exterior sob a qual está o novo espaço da “Arquitectuna”.

Intermediado por duas áreas verdes, o auditório tem uma cobertura paralela e é pensado não só para actuações da “tuna” mas também qualquer outro tipo de apresentações ou actividades académicas que sejam favorecidas pelo enquadramento espacial da Tapada da Ajuda ao rio Tejo.

Na continuação está o espaço dedicado à Associação de Estudantes, cuja entrada beneficia do vão aberto a norte que penetra visualmente no seu interior. No piso inferior, acedido por um largo lance de escadas que pode servir como espaço de reunião, estão uma área ampla e espaço de arrumos. Sobre este, seguinte à entrada, está outro momento semelhante ao explicado sobre a livraria, com a estrutura a “cru” com cobertura criando espaço exterior.

O último volume completa as instalações do Centro de Investigação em Arquitectura, Urbanismo e Design, mais precisamente para os subgrupos que não dependem de oficinas, como o Grupo de Estudos Socio-Territoriais, Urbanos e de Acção Local.

Entre este e a Associação de Estudantes está um corredor que distribui os acessos à garagem, no piso cave, ao estacionamento exterior privado da Faculdade a Poente, ao espaço exterior da Faculdade ou directamente ao volume aéreo de circulação.

Coordenação de conjunto

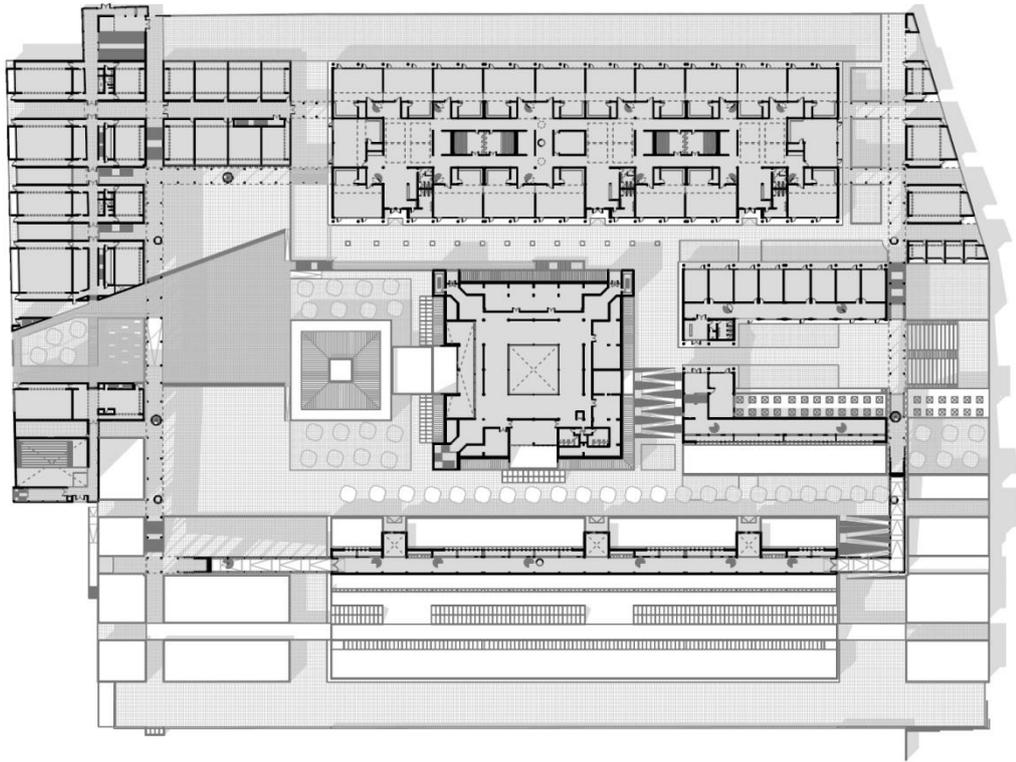


Figura 48 - Planta do piso 1 da Faculdade de Arquitectura

Mesmo pertencendo a tipos de intervenção diferentes, os volumes novos e existentes também comunicam pelos respectivos usos. Assumindo de grosso modo que a Faculdade está dividida em três plataformas de quatro metros de diferença horizontalmente niveladas, repare-se que na plataforma superior norte estão as naves, o espaço “24”, as doze salas de aula, o edifício quatro e as salas de doutoramento, tudo espaços dedicados a diferentes níveis de aulas práticas e teóricas – “execução”. Na plataforma intermédia estão os gabinetes dos professores, a Biblioteca, o Centro de Informática, os laboratórios, o Centro de Cartografia, a administração e os auditórios, espaços dedicados à procura independente de informação – “pesquisa”. Na plataforma inferior, sul, estão as instalações do Centro de Investigação em Arquitectura, Urbanismo e Design, que inclui a oficina geral, as oficinas de Madeiras, Metais, Cerâmica e Têxteis e os espaços comerciais – “prática”.

No que diz respeito à coordenação do conjunto para com o Polo, a fachada poente tem o maior protagonismo pelo facto de multiplicar as possibilidades de penetração no recinto da Faculdade, seja a norte para as naves, seja para o espaço “24”, pela entrada principal, directamente para o auditório ou para qualquer um dos três espaços comerciais. A ausência de vida no Polo estará muito relacionada com o facto de as Faculdades de fecharem muito em si em vez de participarem activamente e esta proposta tem a pretensão de inverter essa ideia e de tornar o Polo um espaço de partilha que favoreça a multidisciplinariedade.

Estrutura e Materiais

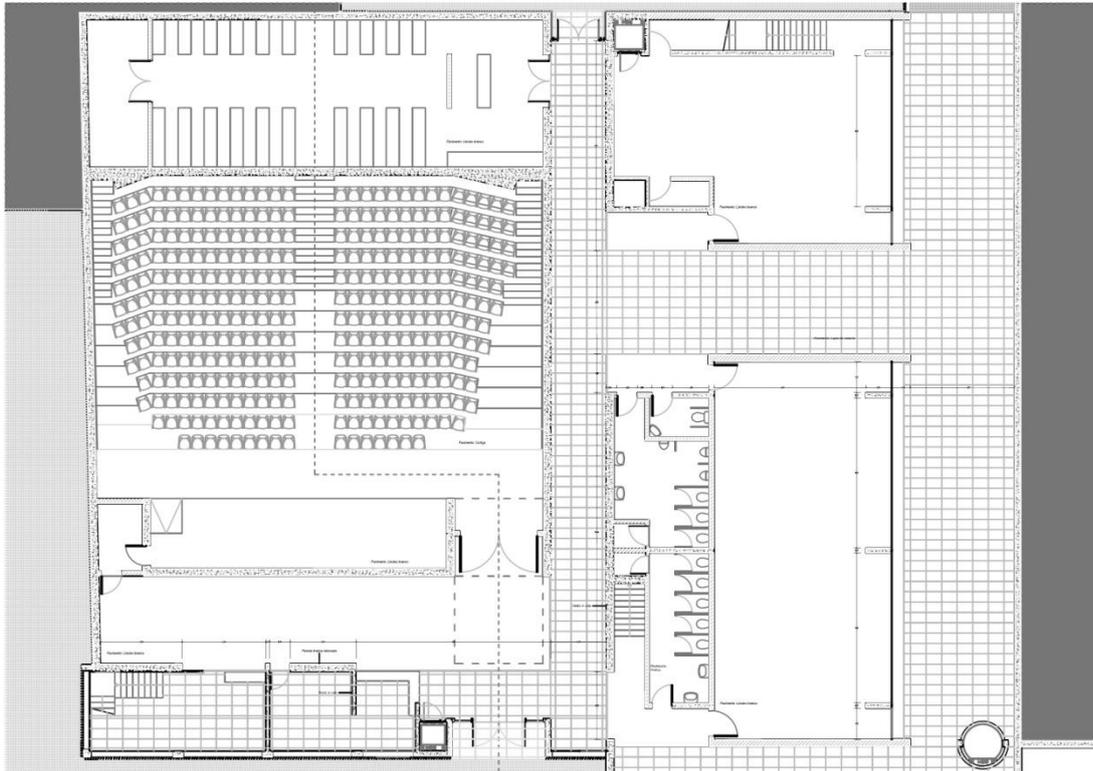


Figura 49 - Detalhe construtivo de parte da planta do piso -1 da Faculdade de Arquitectura

A estrutura escolhida para oferecer a possibilidade de todos os novos espaços terem iluminação zenital entre os três e os quatro metros foi a de painéis interiores de betão com vigas até um metro de altura para vencerem vãos até dez metros de comprimento, travadas aos pares por duas vigas perpendiculares ao seu sentido nas suas extremidades. Afastadas das fachadas, oferecem a possibilidade de vãos contínuos de setenta centímetros de altura assentes em paredes de alvenaria, por vezes interrompidos por variações volumétricas que se impõem a estes.

Variações de estrutura nos edifícios apenas acontecem nas “chaminés” e nos auditórios. Em ambos casos a estrutura é a forma total em betão armado, sendo que o caso da plataforma que faz de cobertura ao auditório formal e de bancada ao auditório informal funciona como uma laje que trava as duas paredes que a confinam. Superiormente as duas “chaminés” têm iluminação superior. Os quatro planos das “chaminés” e os planos verticais do edifício três, “cubo”, são revestidos com placas de zinco.

O elemento aéreo tem uma estrutura independente de madeira pinho com contacto no solo por pilares numa base de betão e ligação em aço, e, apesar de ser coberto e estar envolvido por um ripado vertical, é exterior. Dessa forma os pontos de contacto dos acessos verticais com os pisos têm um painel de madeira que corre circularmente para poderem ser encerrados. No caso dos elevadores do mesmo volume, a estrutura base é betão e o revestimento é um painel fino circular de madeira.



Figura 50 - Modelo tridimensional de estudo: vista da praça interior da Faculdade de Arquitectura para o edifício administrativo

Todos os vãos de fachada na amplitude do pé direito interior são planos de caixilho de alumínio brando com vidro duplo e todos os vãos de setenta centímetros, para iluminação zenital, são painéis fixos de vidro. Espaços de circulação, de trabalho ou comerciais têm vãos sombreados por elementos brancos de alumínio verticais com a mesma secção que os de madeira do elemento aéreo.

Como isolamento em todos os edifícios propostos é aplicado o sistema ETICS, com placas de poliestireno expandido fixado mecanicamente à alvenaria ou ao betão, revestido com reboco através de um ligante armado com rede de fibra de vidro e acabamento em pintura com tinta auto-lavável branca. As coberturas são planas invertidas não-transitáveis com acabamento em gravilha.

Interiormente a regra de pavimento nos núcleos de não-circulação (salas, comercio, investigação, auditórios) é linóleo branco e nos espaços de circulação é a continuação da estereotomia de lajes de betão do exterior existente ou calçada no momento principal de entrada proposto. Exteriormente o momento de entrada conduz a continuação da calçada até à entrada da biblioteca e nos níveis restantes o pavimento existente em placas de cimento é replicado. As paredes são rebocadas e pintadas com tinta branca. As portas interiores são opacas de madeira, iguais quer na parte nova ou reabilitada, as portas de acesso ao exterior, dentro do recinto da Faculdade, têm caixilho de alumínio branco e painéis de vidro duplo, e as portas de contacto com o exterior, fora do recinto da Faculdade, são de estrutura de alumínio com ripas verticais pelo exterior.

As vigas de betão não estão à vista, encontram-se escondidas por um tecto falso com uma estrutura metálica que suporta telas de cortiça e que “abrem” diagonalmente para os vãos a três metros de altura. Entre o tecto falso e as vigas está uma área técnica visitável para ventilação, electricidade ou água. Todas as unidades de tratamento de ar encontram-se nas coberturas de cada edifício.

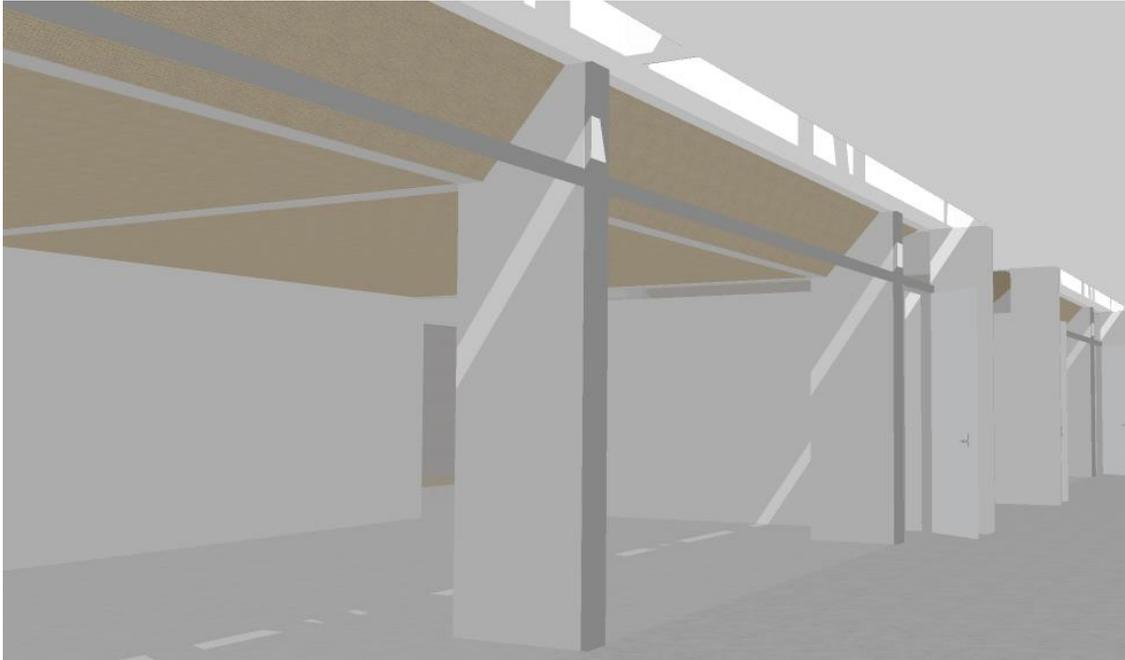


Figura 51 - Modelo tridimensional de estudo: vista interior do edifício administrativo no piso 0

Especificamente no caso do auditório formal, o pavimento da bancada, as respectivas paredes laterais e tecto-falso são todos de cortiça. No caso dos painéis laterais ou superiores estão suportados por uma estrutura metálica ou suspensos, inclinados e alternados com material de iluminação ou ventilação. Há uma área visitável no último piso do edifício para reparações e manutenção entre as duas vigas principais da sala da Administração e do auditório informal.

Nos edifícios existentes, além da alteração já referida nos planos inclinados do edifício três, com placas de zinco pelo exterior, os pilares exteriores azuis passam a brancos, assim como qualquer tubagem à vista, as escadas circulares passam igualmente a branco, os painéis de sombreamento dos vãos inclinados são substituídos por uns metálicos fixos mais resistentes, as cortinas de sombra exteriores recolocadas pelo interior e as passagens aéreas dos pisos superiores nos átrios de acesso são estruturas de aço a branco.

9 Fonte de informação

- “Aqui Combina-Se Tradição Com Inovação | Mais Educativa.” Acesso dia 8 de Maio 2014. <http://www.maiseducativa.com/2013/04/29/aqui-combina-se-tradicao-com-inovacao/>.
- Borges, Vera. “Profissão: Arquitecto,” 2006. <http://www.arquitectos.pt/documentos/1164322770I3pQH2qr9Wg02JR3.pdf>.
- Brown, Katherine H. “Urban Agriculture and Community Food Security in the United States: Farming from the City Center to the Urban Fringe.” Urban Agriculture Committee of the Community Food Security Coalition, Fevereiro 2002.
- Croft, Vasco. *Arquitectura E Humanismo: O Papel Do Arquitecto, Hoje, Em Portugal*. 1ª ed. Lisboa: Terramar, 2001.
- Derouet-Besson, Marie-Claude. *Architecture et Éducation: Convergences et Divergences Des Conjectures Politique et Scientifique*. 115. Paris: Revue française de pédagogie, 1996.
- Florida, Richard. *The Rise of the Creative Class*. New York: Basic Books, 2004.
- França, Lilian. *Caos, Espaço, Educação*. Vol. Selo universidade: Educação. 21 vols. São Paulo: Annablume, 1994.
- Gardner, John W. *Excellence, Can We Be Equal and Excellent Too?* New York: Harper, 1961.
- Gonçalves, Vítor, Manuela Oliveira, Luísa Viana, and José Fernandes. *Património Arquitectónico Da Universidade Técnica de Lisboa*. Lisboa: GAPTEC-UTL, 2011.
- Good, Irving. *The Scientist Speculates*. Heinemann, 1962.
- Inês Lobo arquitectos. “Escola de Arquitectura E Artes Da Universidade de Évora.” *Arq-/a: Revista de Arquitectura E Arte*, no. 66 (Fevereiro 2009).
- “Lei de Bases Do Sistema Educativo.” Acesso dia 8 de Maio 2014. <http://www.sec-geral.mec.pt/index.php/educacao-e-ciencia-em-portugal/legislacao-e-regulamentacao-da-educacao/lei-de-bases-do-sistema-educativo>.
- “Manual de Projeto de Arquitetura | Parque Escolar, E.P.E.” Acesso dia 8 de Maio 2014. <http://www.parque-escolar.pt/pt/programa/manual-projeto-arquitetura.aspx>.
- Mendes, Manuel. *Edifício Da Faculdade de Arquitectura Da Universidade Do Porto: Percursos Do Projecto*. Porto: FAUP publicações, 2003.
- Mendonça, Paulo. “O Ensino Da Arquitectura No Contexto Bolonha.” *Arq-/a: Revista de Arquitectura E Arte*, no. 42 (Fevereiro 2007): 91.
- Moreira, Cristiano. *Reflexões Sobre O Método*. 2ª ed. Argumentos 2. Porto: FAUP publicações, 1994.
- “Palácio Nacional Da Ajuda - The National Palace of Ajuda - História.” Acesso dia 8 de Maio 2014. <http://www.palacioajuda.pt/pt-PT/palacio/historia/ContentDetail.aspx>.

Réseau activités et métiers de l'architecture et de l'urbanisme, Olivier Chadoin, and Thérèse Evette, eds. *Activités d'architectes en Europe: nouvelles pratiques*. Paris: Ed. de la Villette, 2004.

"Sítio Da Câmara Municipal de Lisboa: Historial." Acesso dia 8 de Maio 2014.
<http://www.cm-lisboa.pt/viver/ambiente/parque-florestal-de-monsanto/historial>.

Távora, Fernando, e José Bernardo Távora. "Escola de Arquitectura de Guimarães." *Jornal Dos Arquitectos Faire École* 2, no. 202 (Setembro 2001).

10 Anexos

Pela seguinte ordem,

Fotografias das maquetes

Painéis Finais de Exame

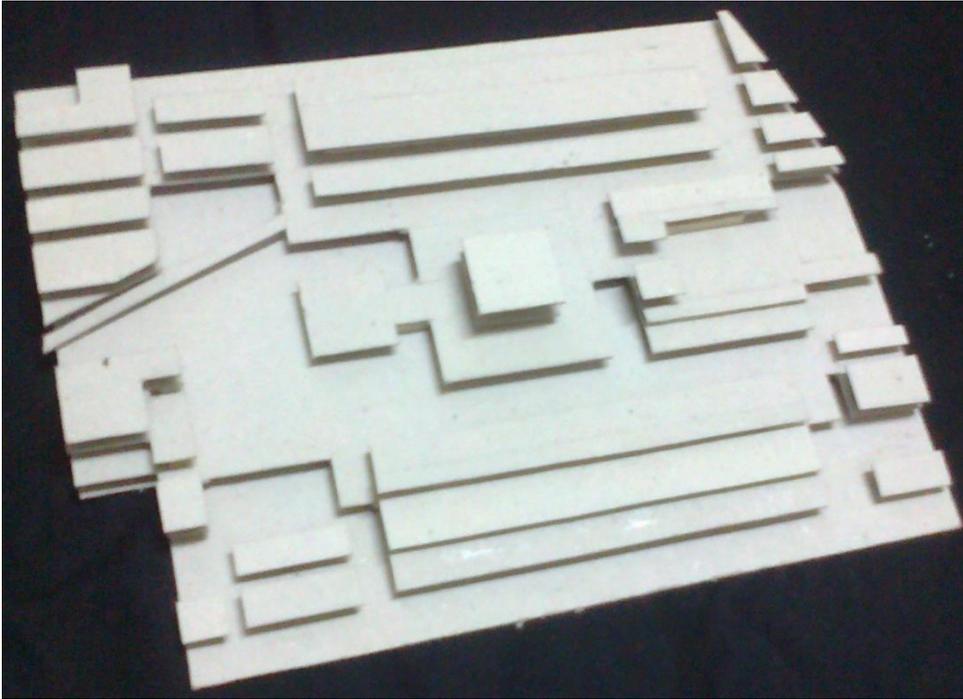


Figura 52 - Maquete de estudo da Faculdade

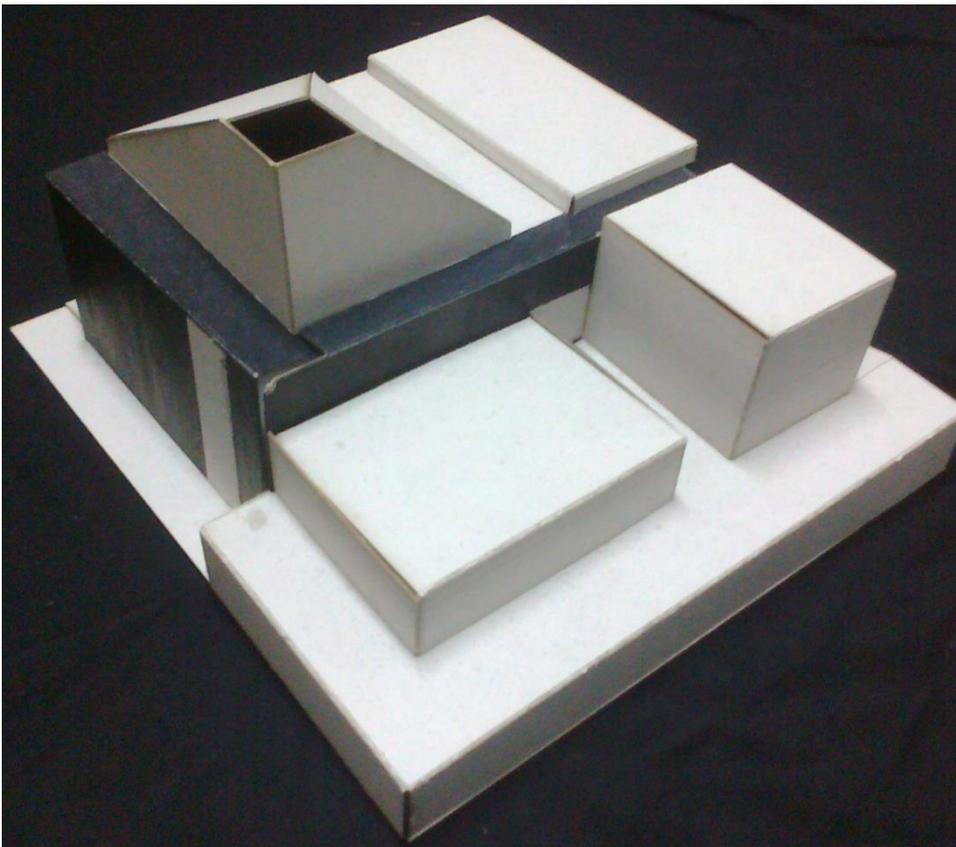


Figura 53 - Maquete de estudo de detalhe da Faculdade

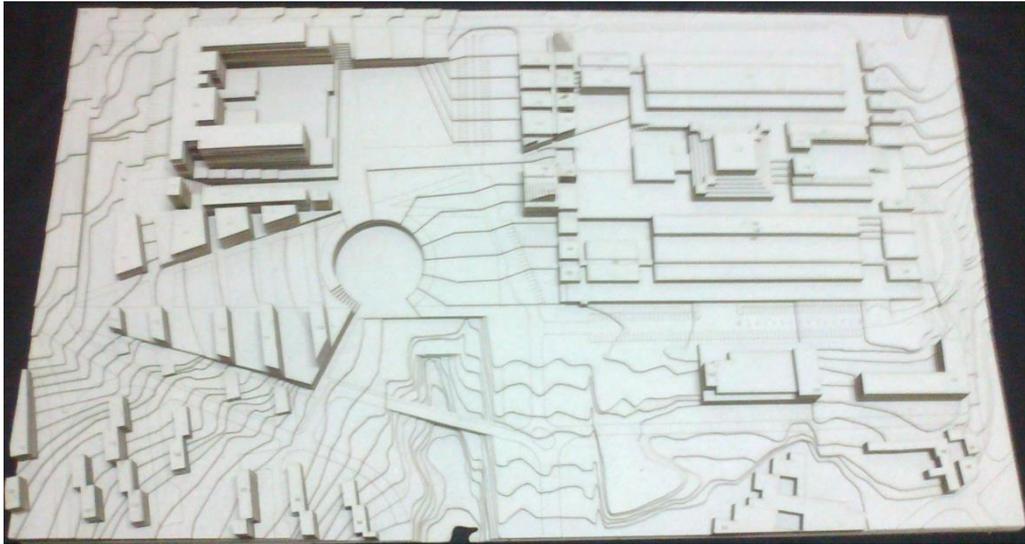


Figura 54 - Maquete final 1/1000 da proposta de Polo Universitário da Ajuda

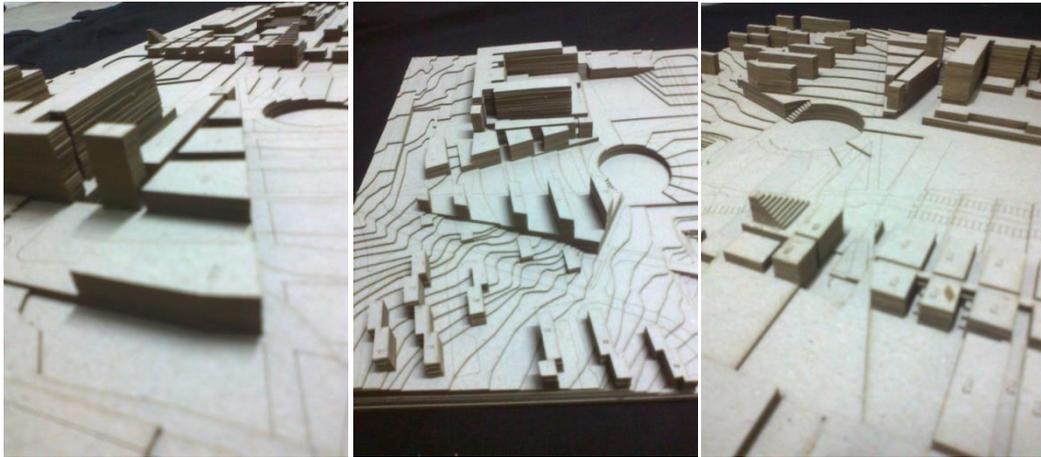


Figura 55 - Detalhes da Maquete 1/1000

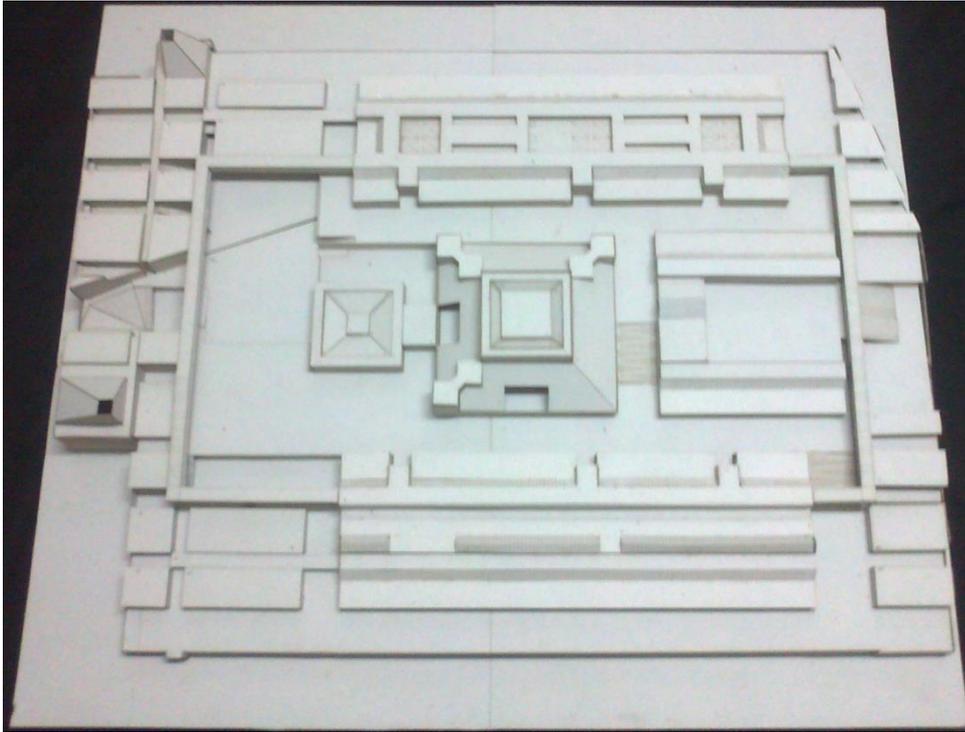


Figura 56 - Maquete final 1/300 da proposta da Faculdade de Arquitectura

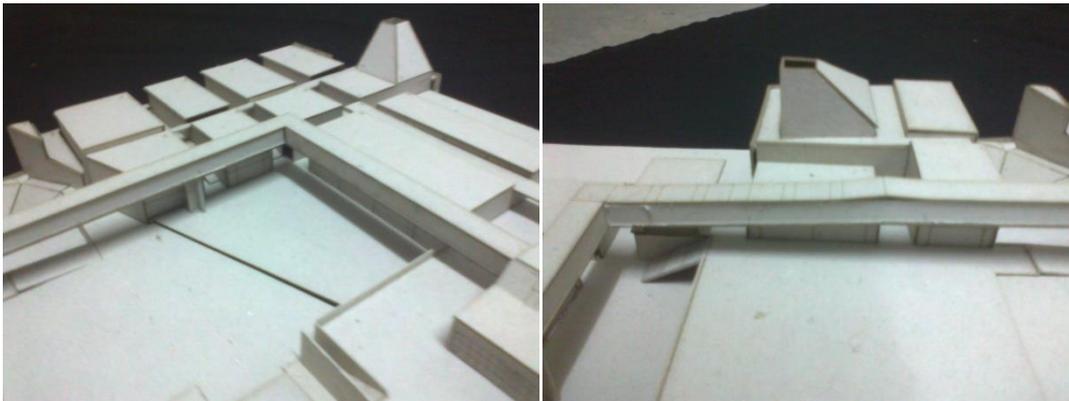


Figura 57 - Detalhes da Maquete 1/300

